

ABRIL
AGOSTO
2013

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO ABR-AGO 2013

A propósito do nosso 20.º aniversário, que se completa a 11 de outubro próximo, dissemos já que iríamos homenagear alguns dos artistas que fizeram a história desta instituição, incluindo-os na nossa programação. Entre eles está, sem dúvida, Adriana Calcanhotto. Foi através da Culturgest que nasceu a paixão recíproca entre a grande cantora e autora e Portugal e os portugueses. Uma menina tímida, só no palco com o seu violão, por seu mérito tornou-se numa das estrelas da música brasileira mais populares no nosso país. Não podíamos deixar de a convidar, embora sabendo que os seus fãs de Lisboa não cabem em dois auditórios nossos. Adriana aceitou com entusiasmo o nosso convite e escreveu-nos um texto que nos comoveu muito, que em parte transcrevemos na página 16 e que pode ser lido integralmente no nosso site. Obrigado Adriana. Vai ser muito bom voltar a estar consigo.

É com Teatro que começa a nossa programação desta primavera/verão. Com um espetáculo de 5 horas de Mónica Calle, sobre o livro de Dulce Maria Cardoso *Os Meus Sentimentos*. Mónica Calle é uma presença regular na nossa programação. É uma artista única, com um trabalho de enorme coerência e qualidade que interpela o espectador com incisiva acutilância. Não se assuste com a duração do espetáculo. Ele está construído de tal forma que o público pode entrar e sair quando quiser.

Em maio, como há anos acontece, estarão nos nossos auditórios alguns espetáculos escolhidos da oitava edição dos PANOS, uma iniciativa da Culturgest que junta a nova dramaturgia ao teatro escolar ou juvenil e que contagia dezenas de grupos de teatro por esse país fora. É bom ver os trabalhos que esses adolescentes fazem.

Diogo Dória e Manuel Wiborg, pela primeira vez juntos no palco, põem em cena *Sou o Vento*, o mais minimal texto de um dos maiores dramaturgos de hoje, o norueguês Jon Fosse. Integrado no Festival de Almada, apresentaremos *Sala VIP*, um texto de Jorge Silva Melo (certamente a pessoa que mais marca o teatro em Portugal dos anos 1960 até agora, mesmo que muita gente não se dê

conta disso), encenado por Pedro Gil, os dois presenças recorrentes na nossa programação. Também incluído no Festival de Almada, pela jovem e premiada companhia irlandesa THEATREclub, poderemos ver *HEROIN*, “um espetáculo radical sobre como viemos aqui parar”.

Também pela primeira vez na Culturgest, Olga Roriz. Vem dançar *A Sagração da Primavera* em solo. Que uma criadora com o currículo de Olga Roriz se aventure a coreografar e dançar, aos 57 anos, a *Sagração da Primavera*, é de uma admirável audácia. Certamente que o resultado será apaixonante. Outra Olga, Olga de Soto, tem vindo a trabalhar na pesquisa de grandes obras de dança do século XX. Em 2011 deu-nos conta, numa conferência-*performance*, da investigação que estava a fazer em torno de uma dessas obras marcantes, *A mesa verde*, de Kurt Jooss, estreada em 1932. Este ano, mostra-nos o espetáculo que construiu a partir desse trabalho.

Voltando à música, depois do concerto excepcional de Jason Moran e o seu trio The Bandwagon, em fevereiro passado, apresentamos outro extraordinário pianista da mesma geração, Vijay Iyer e o seu trio. São duas bandas e dois líderes muito diferentes, mas as duas estão indiscutivelmente no topo mundial do trio de piano jazz. Filipe Raposo, que lançou aqui o seu primeiro disco de jazz, volta à Culturgest para o concerto de lançamento do seu primeiro disco a solo. Filipe já tocou com todos os grandes nomes da música popular portuguesa, mas tem também os seus projetos próprios. No disco e no concerto, explora os três universos em que se sintetiza o seu trabalho: a música tradicional, a música erudita e a música improvisada.

Continuam os concertos, sempre excelentes, do ciclo “Isto é Jazz?”, os que se realizam no nosso espaço no Porto e o ciclo “27 sentidos” concebido e apresentado pela Granular. A música eletroacústica, que a Granular tem promovido desde há anos, será objeto de uma conferência, com concertos associados, uma organização do CESEM, da Universidade Nova, com quem temos uma relação de colaboração de anos. Um encontro

com dois dos mais importantes autores dos estudos sobre cinema, Laura Mulvey e Ismail Xavier, foi-nos generosamente oferecido pela Associação de Investigadores da Imagem em Movimento e o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra.

O Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual faz 40 anos. É com muito prazer que acolhemos um excelente ciclo de conferências que o Ar.Co organiza integrando as comemorações do seu aniversário. São conferências sobre temas científicos por alguns dos nossos melhores cientistas. Como escreve Manuel Castro Caldas, “que o discurso científico (...) possa interessar uma escola de arte não tem (...) nada de estranho. Trata-se de satisfazer a sede de todos aqueles que procuram, para além do que é corrente, o que é vital”.

Um dos momentos maiores da nossa programação anual é o acolhimento e coprodução do Indie, que completa 10 anos (o número de instituições e projetos culturais que completam em 2013 números redondos de existência é enorme, numa singular coincidência). A qualidade deste Festival é por demais conhecida. São onze dias de muitos e bons filmes que ou se veem no Indie ou nunca mais se veem.

Falemos das exposições. Continuam as de Rui Toscano e Michel Auder. Se não as visitou ainda, não perca. Mas não perca mesmo. De junho a setembro as nossas galerias de Lisboa estarão preenchidas com duas grandes exposições. Uma do pintor belga Walter Swennen. Não sabe quem é, de certeza. Temos procurado dar a conhecer artistas contemporâneos que nunca foram vistos em Portugal e não andam nos grandes circuitos internacionais, não porque não sejam grandes artistas, mas porque o sistema dominante da arte contemporânea, por razões que não se relacionam com a importância da obra, não lhes dá a devida atenção. Swennen é um pintor notável, de uma enorme dispersão estilística, que foi construindo um olhar fortemente subjetivado sobre o mundo, cheio de humor e de melancolia. Venha descobrir. A segunda exposição é uma ampla seleção (mais de

duzentas obras) da coleção Julie Ault, artista, curadora e escritora. Não cabe neste espaço contar a história desta mulher, referida na página 60, e da sua coleção. A curadoria desta mostra resulta de um trabalho conjunto entre a colecionadora e um grupo de pessoas, artistas incluídos, que com ela colaboraram ao longo dos últimos trinta anos.

No nosso espaço do Porto instalámos uma livraria de arte construída à semelhança da livraria de Lisboa. Fizemo-lo o ano passado por uns meses, e nesse período venderam-se mais livros no Porto do que em Lisboa. Paralelamente, sem se desmontar a livraria, acontecem os concertos escolhidos por Filho Único e teremos vários momentos expositivos, com vídeos de Michel Auder, um vídeo de Jos de Gruyter e Harald Thys, e o mais que adiante se verá.

Não podemos deixar de referir a exposição *A doce e ácida incisão – A Gravura em contexto (1956-2004)*, que organizamos em colaboração com o Museu do Neo-Realismo, e em que mostramos parte do acervo das gravuras da Coleção da CGD, que diz respeito às que foram produzidas na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

As pessoas estão habituadas a associar os Serviços Educativos (SE's) às crianças e às escolas. O nosso nasceu assim. Mas cresceu muito rapidamente e diversificou as suas atividades que se dirigem a pessoas de todas as idades, às famílias, a grupos organizados. E tem estimulado a reflexão sobre o papel dos SE's (nome de que não gostamos, mas a que ainda não fomos capazes de encontrar uma alternativa – se tiver alguma sugestão, diga-nos, por favor), designadamente concebendo e organizando conferências internacionais sobre o tema. Não conseguimos fazer aqui um resumo da quantidade de propostas que o nosso SE faz para este quadrimestre. São tantas... O que lhe pedimos, como já fizemos noutras alturas, é que leia também essa parte da nossa programação. É provável que algum curso, algum espetáculo, alguma aula ou oficina lhe possa interessar. E aos seus filhos.

Como sempre, desde há 20 anos, esperamos por si. É para si, e para os criadores, que trabalhamos.



© DMF, Lisboa

Livraria de arte

Lisboa

De segunda a sexta, 11h-19h.
Sábados, domingos e feriados,
14h-20h. Encerra à terça-feira
e nos períodos em que não há
exposições. Tel. 21 790 51 55

Porto

De segunda a sábado,
12h30-18h30. Encerra
aos domingos e feriados.
Tel. 22 209 81 16

A Culturgest dispõe em Lisboa de uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest, assim como muitas outras relacionadas com artistas que aqui expuseram o seu trabalho, mas nela estão também representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui ainda uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de escritos sobre arte, com especial ênfase na história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de escala mais reduzida ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

No outono passado, abriu-se um parêntesis no programa de exposições da Culturgest no Porto, para partilhar temporariamente a livraria com os públicos desta cidade. A partir de 4 de maio de 2013, a livraria passará a funcionar permanentemente no Porto, reservando-se uma sala para projetos ou situações de tipo expositivo.

Culturgest runs a bookshop in Lisbon that specialises in contemporary art. Its titles are very carefully selected, being based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found at the shop, as well as many others relating to artists who have already exhibited their work here. But other artists are also represented, whose work has not been covered by the exhibition programme. The bookshop also includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; major publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers. Almost all of the publications are placed on sale at reduced, and sometimes extremely tempting, prices, so that we can share them with as many people as possible.

Last autumn, a gap was opened in the exhibition programme of Culturgest in Porto, so that the bookshop could be temporarily shared with the local audiences. From 4 May onwards, the bookshop will be operating permanently in Porto, with a room being set aside for exhibition-type projects or situations.

Teatro

- 12 **Os Meus Sentimentos** de Dulce Maria Cardoso
Um espetáculo de Mónica Calle
- 30 **PANOS** palcos novos palavras novas
- 44 **Sala VIP** Letras de Jorge Silva Melo
Orquestração de Pedro Gil
- 50 **HEROIN** de THEATREclub

Conferências

- 14 **Ciência das Imagens / Imagens da Ciência**
- 26 **As várias vidas da imagem cinematográfica**

Música

- 16 **Adriana Calcanhotto Solo** Olhos de Onda
- 20 **Lula Pena**
- 24 **Vijay Iyer Trio**
- 28 **William Basinski**
- 34 **Zanussi 5**
- 36 **Filipe Raposo** A Hundred Silent Ways
- 38 **Experimental Audio Research (E.A.R.)**

Cinema

- 18 **IndieLisboa'13**

Instalação / Performance

- 22 **Viagem**
- 46 **Audio Description**

Congresso Internacional

- 40 **EMS 2013** Electroacoustic Music in the Context of Interactive Approaches and Networks

Dança

- 42 **A Sagração da Primavera** de Olga Roriz

Vídeo / Performance / Documentário Coreográfico

- 48 **Débords – Réflexions sur *La Table Verte***
de Olga de Soto

Exposições

- 54 **Rui Toscano** Esculturas Sonoras 1994-2013
- 56 **Michel Auder** Retrato de Michel Auder
- 58 **Walter Swennen**
- 60 **Tell It To My Heart** Reunido por Julie Ault
- 62 **Danh Võ** A asa de Gustav
- 64 **Michel Auder**
- 66 **Jos de Gruyter & Harald Thys** Sobre a relação entre o mundo real e o mundo paralelo
- 68 **Lourdes Castro**
- 70 **A doce e ácida incisão**
A Gravura em contexto (1956-2004)
- 74 **Serviço Educativo**
- 94 **Informações**

Programação

Os Meus Sentimentos

de Dulce Maria Cardoso

Um espetáculo de Mónica Calle



© Bruno Simão

DE QUA 3 A SÁB 6
DE ABRIL

Palco do Grande Auditório
19h30 · Duração: 5h
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

O espetáculo começa às
19h30. O público pode entrar
e sair livremente durante
o espetáculo.

Desenho de luz José Álvaro Correia **Fotografia** Bruno Simão
Assistência de encenação Mónica Garnel **Cenografia e**
interpretação Mónica Calle **Uma coprodução** Casa Conveniente,
Culturgest

Para a minha mãe

*Um nome de uma flor que também é uma cor / Rolo pela luz,
docemente, a estrada é estreita, sinuosa, o alcatrão encharcado
de sol estonteia-me, avanço, do lado direito, a encosta, cheia de
flores que têm a cor das flores, do lado esquerdo, árvores, que têm
a silhueta das árvores e segredos / Bichinho, anda cá bichinho /
Avanço / Vou de viagem, no café, na padaria, na cabeleireira, em
todos os lugares, um assunto, / A primavera chegou / Um tema
de conversa / A partir de hoje nada vai ser diferente, nunca mais
nada diferente / De todos os mistérios escolho o da luz, desta luz /
Não branca como a da sala onde se espera a morte / De todos os
mistérios escolho o da sombra, desta sombra / Desde sempre, em
todo o lado, a qualquer hora, um entendimento / Onde vais buscar
estas coisas, onde vais buscar estas coisas / Uma estalagem
solitária, abandonada sobre o mar / Comigo lá dentro, avanço, /
Pela primeira vez sem gravidade / É assim tão fácil largarmos
tudo o que nos prende / Nenhuma manhã me vai roubar / Nunca
mais nenhuma manhã, a minha vida um sobressalto no sono
continuado do universo, fecho os olhos por um bocadinho, um sono
tranquilo, aqui dentro, aqui onde estou, aconteça o que acontecer
nada acontece / inesperadamente*

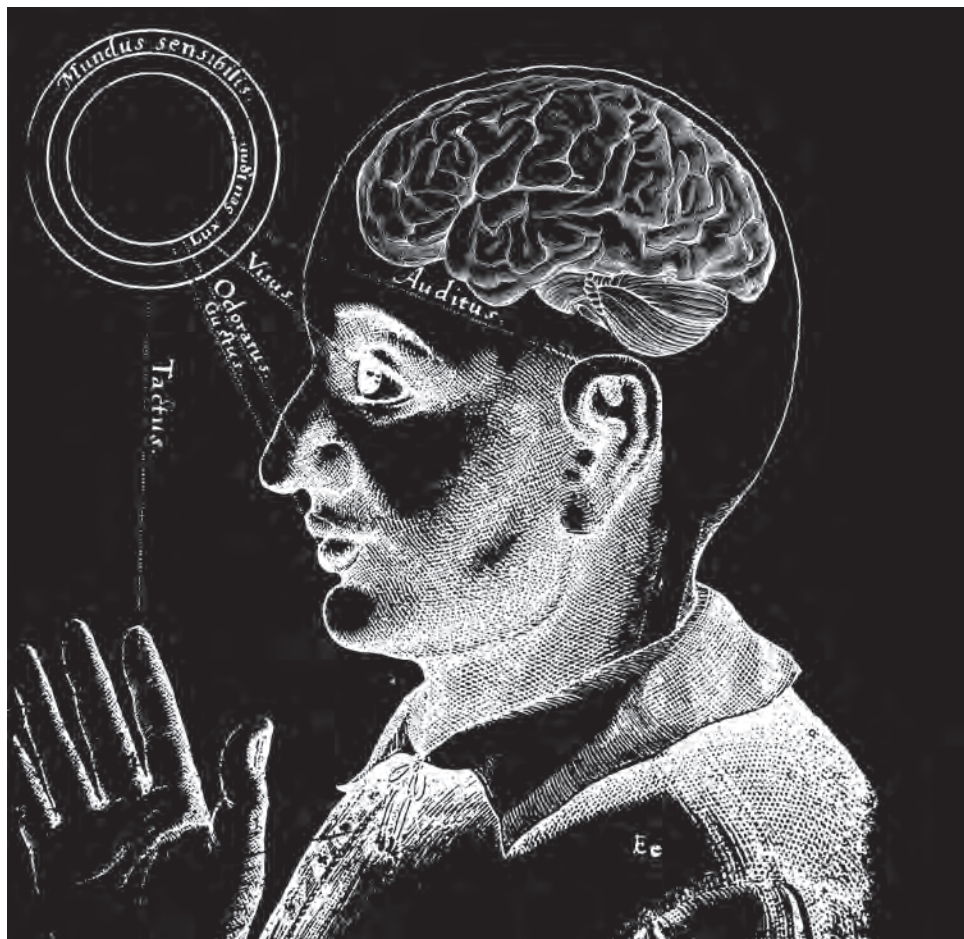
Este espetáculo é o encontro, sem rede, de uma escritora que
ainda não se tinha aproximado do teatro com uma atriz e
encenadora que tem sido presença regular no programa da
Culturgest. Mónica Calle tem ultimamente (re)trabalhado
textos de Strindberg, Heiner Müller e Rimbaud. Romancista e
contista, Dulce Maria Cardoso publicou, entre outros, *Campo de
Sangue, Os Meus Sentimentos e O Retorno*.

*Is it that easy to let go of all our ties / No morning will rob me /
No morning ever again, my life a shock in the continuing sleep
of the universe, I close my eyes for a while, a peaceful sleep, here
inside, here where I am, whatever happens nothing happens /
unexpectedly*

This show is the risky encounter between two women:
a writer who had not previously worked in the theatre and an
actor and director who has been a regular participant in the
Culturgest programme.

Ciência das Imagens Imagens da Ciência

Ciclo de conferências comemorativo do 40.º aniversário do Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual



Jorge Nesbitt, 2013, a partir de "Diagrama da Consciência", gravura, edição de 1629 de Robert Fludd, *Utriusque cosmi... Historiae*.

SEXTAS-FEIRAS
DE 12 DE ABRIL
A 6 DE DEZEMBRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

15 de março
Gato por lebre: histórias naturais de embuste
Patrícia Beldade

12 de abril
Cérebro, Ação e Percepção – Criação de repertórios individuais
Rui Costa

10 de maio
Outras Terras no Universo
Nuno C. Santos

18 de outubro
Neurobiologia das emoções
Alexandre Castro Caldas

15 de novembro
Escolas e indivíduos: Lamarck vs Darwin
António Coutinho

6 de dezembro
O esqueleto de uma ideia: a forma no pensamento biológico do século XIX
Thiago Carvalho

Conferencistas: **Patrícia Beldade** Instituto Gulbenkian de Ciência **Rui Costa** Centro Champalimaud para o Desconhecido, Fundação Champalimaud **Nuno C. Santos** Centro de Astrofísica e Departamento de Física e Astronomia, Universidade do Porto **Alexandre Castro Caldas** Diretor do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa **António Coutinho** Coordenador do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia; membro do Conselho de Curadores da Fundação Champalimaud e da Comissão de Gestão do Instituto Gulbenkian de Ciência **Thiago Carvalho** Instituto Gulbenkian de Ciência

Na sua tentativa de definir e distinguir o trabalho criativo da arte, da ciência e da filosofia, Gilles Deleuze e Félix Guattari sugerem que estas disciplinas procedem a uma luta comum. Lutariam não apenas contra a opinião mas contra o cortejo das opiniões propriamente artísticas, científicas ou filosóficas, contra a Urdoxa de cada uma das disciplinas.

Que o discurso científico, no caso específico que aqui se destaca, possa interessar uma escola de arte não tem, verdadeiramente, nada de estranho. Trata-se de satisfazer a sede de todos aqueles que procuram, para além do que é corrente, o que é vital. Que objetos mentais nos surgem como poderosos ou belos se não forem 'determináveis como seres reais', se não constituírem imagens 'recortadas no caos' – corpos compostos a partir da variabilidade infinita à qual foram, literalmente, conquistados? Não é certamente com as mesmas ferramentas que arte e ciência procedem a essa conquista. Mas ao fazê-lo, partilham a mesma alma, estão expostas à mesma força: a alma é cérebro, a força é cérebro. Manuel Castro Caldas, Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual

In defining creative works of art, science and philosophy, Gilles Deleuze and Félix Guattari suggest that these disciplines are fighting a common battle against the Urdoxa peculiar to each of them. It's not odd for scientific discourse to interest an art school. The mental objects we see as powerful or beautiful are 'identifiable as real beings', images 'carved out of chaos' – bodies deriving from the infinite variability from which they were hewn. Art and science don't use the same tools, but share the same soul, are exposed to the same force: the soul is the brain, the force is the brain.

Adriana Calcanhotto

Solo

Olhos de Onda



© Daryan Dornelles

SEX 12, DOM 14
DE ABRIL

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Voz e violão Adriana Calcanhotto

Adoro o palco da Culturgest. Nunca vou esquecer do meu primeiro concerto em Lisboa, sozinha com minha guitarra e uma audiência mágica, em outubro de 2000. Na primeira noite caí de amores pela cidade, e por Portugal, dentro dela. Naquela noite fiz amigos queridos e é tudo nítido e intocado na minha memória, em geral bem turva. Naquela noite entrei em Portugal, ou Portugal entrou em mim, vá lá, para sempre, a porta de entrada sendo o convite da Culturgest, por António Pinto Ribeiro. (...) De modo que quando recebi o convite para me apresentar no mesmo formato solo, nas comemorações de vinte anos da casa, disse sim na mesma hora. Não tinha um concerto preparado, não tocava há muito, não saberia se conseguiria e até aqui, sinceramente, não sei, mas por isso mesmo. Andava doida para retomar a guitarra, portanto para inventar um roteiro pensado para Portugal, para pegar a estrada, pela janela do quarto, pela janela do carro, trancafiada em quartos de hotel enquanto Portugal está lá fora, tocando compulsivamente para que o concerto seja lindo e inesquecível como só em Portugal pode ser, enfim, o novo convite da Culturgest era tudo o que mais eu podia querer no momento em que ele chegou. (...)

De tudo um pouquinho, como a receita da felicidade, deixando sempre aberto o espaço para poetas que me apareçam e para novas canções que podem sempre me arrebatam mais perto da hora ou que podem ser escritas no camarim, sacrificando para isso certezas absolutas no repertório, tudo é possível, graças aos deuses.

Aqui estamos, eu, a guitarra e algumas canções que adoro, nos reencontrando, como se fosse a primeira vez, nos encontrando pela primeira vez quando é o caso, desejando viver mais uma noite “daquelas”, no palco querido da Culturgest, antes de pôr o pé na estrada, enfim. Importante é que aquele frio na barriga antes de entrar no palco sozinha com minha guitarra, permanece, se não aumentou e foi para isso que vim. Adriana Calcanhotto*

I love the stage at Culturgest. I'll never forget my first Lisbon concert in October 2000, where I was alone with my guitar and a magical audience. That first night I fell in love with the city, making some dear friends. I entered into Portugal, or Portugal entered into me, forever, through the door opened by António Pinto Ribeiro's invitation. When I received this fresh invitation to perform a similar concert, I didn't hesitate, hoping to relive another night like the first one. Just me, my guitar and some of the songs that I love. I still feel the same sense of excitement. Adriana Calcanhotto

* Excerto de um texto que nos enviou e nos comoveu. Ver o texto integral em www.culturgest.pt

 caixa leasing e factoring

IndieLisboa'13

Festival Internacional de Cinema Independente



Hollywood está a ficar sem ideias.

Vem ao indielisboa ver algo novo.

18 A 28 DE ABRIL | INDIELISBOA.COM

DE QUI 18 A DOM 28
DE ABRIL

10h30 – 23h45
M16 (exceto IndieJúnior)

Bilheteira Central Culturgest

De 4 a 17 de abril, dias úteis: das 11h às 19h. De 4 a 17 de abril, fins de semana: das 14h às 20h. De 18 a 28 de abril: das 10h até ao início da última sessão.

Preços dos bilhetes

Sessões regulares: 4€
Sessões IndieJúnior Escolas (para público geral): 1€
Caderneta de 10 bilhetes voucher: 30€
Caderneta de 20 bilhetes voucher: 55€

Descontos

Maiores de 65 anos, jovens até aos 30, desempregados (mediante a apresentação de cartão do IEFP): 3,50€
Bilhete Famílias – válido para 4 pessoas nas sessões IndieJúnior Famílias: 13,60€

Programação disponível online a partir de 4 de abril em www.indielisboa.com

Organização Zero em Comportamento, Associação Cultural

De 18 a 28 de abril, o IndieLisboa volta a trazer o melhor e mais recente cinema de todo o mundo. Serão onze dias em que o festival marcará presença na Culturgest, que volta a ser coprodutora, no Cinema São Jorge, no Cinema City Classic Alvalade e na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

Serão exibidos mais de 200 filmes, abertos à curiosidade de todos os públicos e distribuídos pelas secções que compõem o festival deste ano: Competição Internacional, Competição Nacional, Observatório, Cinema Emergente, Director's Cut, IndieMusic, Pulsar do Mundo, IndieJúnior e Sessões Especiais. A estas juntar-se-ão debates, conferências, ateliês e masterclasses.

O IndieLisboa comemora o seu 10.º aniversário e convida todos a juntar-se à celebração. Este ano, o festival trará novas surpresas mantendo como sempre a sua essência: um lugar de entusiasmas descobertas de filmes, sem fronteiras de género, duração ou formato.

A programação do festival é permanentemente atualizada em www.indielisboa.com.

From April 18h to April 28th, IndieLisboa will once again be showing some of the world's best and most recent cinema. Short and feature films, documentaries and animation films will be screened at Culturgest, São Jorge Cinema, Cinema City Classic Alvalade and Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

More than 200 films will be screened in 11 days (most of them being premiered in Portugal), accompanied by special sessions and parallel activities (debates, lectures, workshops and masterclasses) with the participation of foreign and national filmmakers. The festival programme is permanently updated at www.indielisboa.com.

Organização



Parceiros institucionais

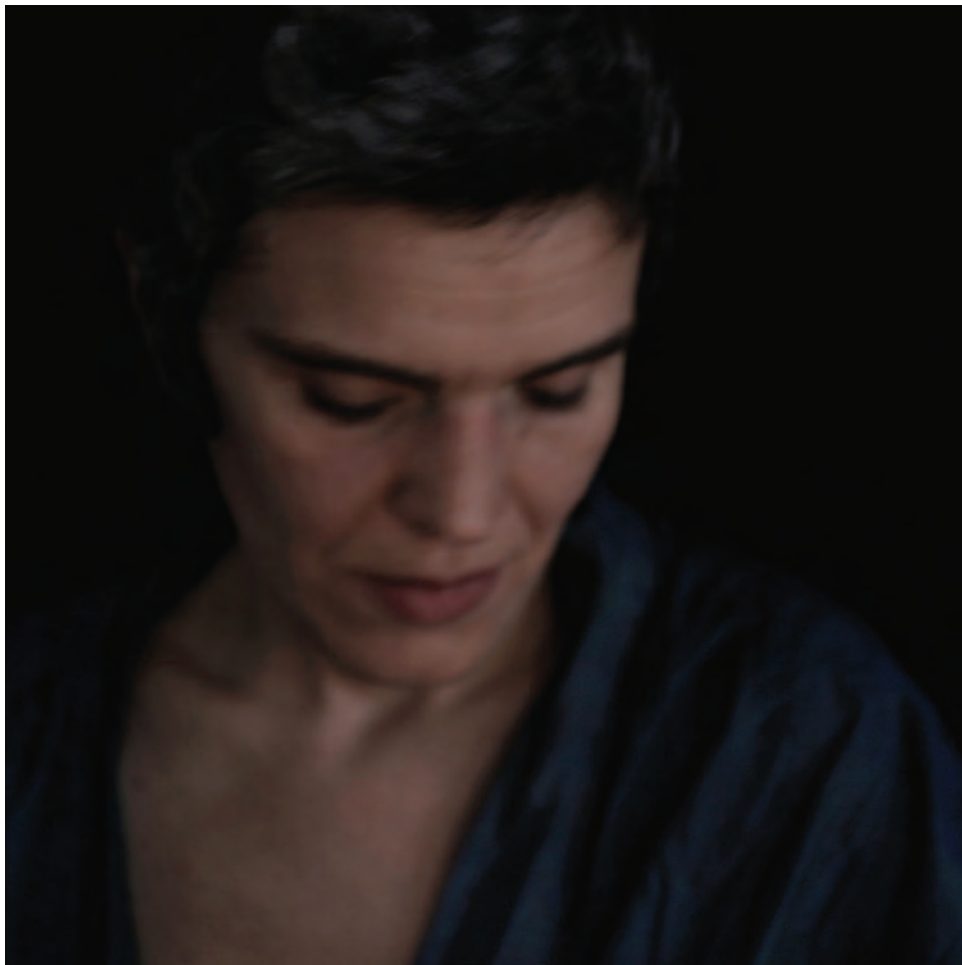


Coprodução



Lula Pena

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



© Cláudia Varejão

SEX 26 DE ABRIL

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aprox. 50 min.
5€ (preço único)

M3

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espetáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Voz e guitarra clássica Lula Pena

Lula Pena (n. 1974) regressou à esfera pública nacional com a edição do seu disco *Troubadour* em 2010, depois de cerca de doze anos de relativa discricção, desde o período do primeiro disco *Phados. Troubadour*, e os seus concertos desde então assim o têm confirmado, tornou claro o estádio admirável de transformação “em autora (de) alguém que nasceu como intérprete”, como afixava a editora Mbari à altura do lançamento do novo registo. A intuição e prazer da citação que tinha sido sua marca processual emblemática, parece ter mudado para um plano maturado de identidade autoral insofismável. No fundo, todos aqueles anos distantes da arena pública foram anos também da evolução de um estilo próprio, oferecendo ecos do fado, da bossa, da canção francesa ou do tango, de toda e qualquer maresia geográfica que se lhe apreça matéria para o seu trabalho que parece partir do “pasmó essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras”, como dizia Pessoa. A sua gestão do silêncio é esmagadoramente singular, o domínio personalizado da voz com uma guitarra tocante, tendo-se vindo a tornar cada vez mais um tesouro partilhado de todos os lusófonos de coração, e que a tem levado justamente no último trio de anos a expandir a sua atividade ao vivo para fora de portas, na Europa e no Brasil.

Sabemos que no passado estudou desenho, parou, tocou nas ruas em Barcelona, partiu para Bruxelas, onde atuou em bares e em clubes de jazz. Tocou na Alemanha, França, Itália, Holanda e para o Rei Mohammed V em Marrocos, depois da Orquestra Real e com Rabih Abhou-Khalil por perto. Faz-lhe confusão a velocidade que considera ser “uma coisa que não é humana” e que o seu é um “trabalho que vem de dentro para fora – [o de] tentar perceber a tecnologia humana”. Cada concerto seu prima pela partilha única com o público, uma comunhão ritual da descoberta da criação, de momentos e reações que existam exclusivamente numa ocasião. Nada menos nobre que isto podemos esperar nesta noite do seu regresso há muito querido à cidade Invicta.

Filho Único

After twelve years of relative discretion since the release of her first album *Phados*, Lula Pena returned with *Troubadour* in 2010, having clearly transformed herself from a remarkable performer into a fully-fledged songwriter. All those years out of the limelight helped her develop her own style, with elements of fado, bossa nova, *chanson française* and tango. She uses silence in a unique manner and has her own distinctive and refined technique as a vocalist and guitarist. Each of her concerts is a unique experience, shared with her audience in a ritual discovery of the act of creation, and of once-in-a-lifetime moments and reactions at each of her live performances.

<http://lulapena.bandcamp.com>

Viagem

Ciclo Vinte e sete sentidos · Organização: Granular



© Marcial Aleixo

QUI 9 DE MAIO

Sala 2
18h30 · Duração aprox. 45 min.
3,50€ (preço único)

M12

Sobre o ciclo “Vinte e sete sentidos”

Logo no início do século XX, Kurt Schwitters e poucos outros como ele propuseram-se contemplar os «vinte e sete sentidos da sensorialidade». Quase 100 anos passados, é com a amplitude da percepção humana que as artes de ponta preferem lidar, juntando o tempo e o espaço, o ouvido e o olho. O ciclo “Vinte e sete sentidos” equaciona a *performance* com a instalação, relacionando a música com outras expressões artísticas, em projetos transdisciplinares e de interação dos meios utilizados. Os conceitos e as práticas variam consoante as perspetivas dos artistas convidados e pretendem-se sempre imprevisíveis. Se a tecnologia hoje ao dispor permite, já por si, o atravessamento das linguagens possíveis, o foco está na criação de soluções menos óbvias, sempre procurando ir para além das finalidades originais de cada funcionalidade.

www.granular.pt



Esculturas sonoras João Parrinha

A ideia de fazer música com as minhas esculturas surgiu com a oportunidade inesperada de tocar com o ritmo constante do motor de um frigorífico, que variava no passo como se fosse um músico e não um eletrodoméstico.

A experiência marcou-me: no meu percurso como escultor as peças adquiriram sons. As máquinas têm sons que nos sugerem lugares, momentos e ações que podemos visualizar ao ouvi-las.

Nesta viagem, o caminho é guiado por uma extrema atenção ao momento. Contrapor, acompanhar, desligar, negar e quebrar são escolhas que estão intrinsecamente ligadas ao som.

A música permite-nos vogar no tempo por lugares surreais, originando uma sequência de imagens aleatórias que nos conduzem num discurso permanente, alternado de silêncios e espaços com diferentes intensidades.

As esculturas desta instalação fazem parte de um todo, integradas em termos físicos, visuais e sonoros. Fica assim criado o espaço para cada um dos participantes percorrer.

João Parrinha

João Parrinha é músico (percussionista) e artista plástico com atividade nos domínios da escultura, da pintura, do cinema e do vídeo, tendo igualmente desenvolvido trabalho como cenógrafo. Integrou a formação de blues IBM e com o seu irmão José Bruno Parrinha fez parte na década de 1980 da banda pop Radar Kadafi. Fundou com Sei Miguel e Fala Mariam o trio Moeda Noise, virando-se para a música improvisada. Desde então, tem colaborado com músicos desta área como Paulo Curado, Rodrigo Amado, Carlos “Zíngaro”, Ernesto Rodrigues, Joana Sá e João Lucas, entre outros. As suas criações visuais tiveram sempre um carácter especial: pintou pranchas de surf, concebeu os cenários de concertos de Oasis, Madredeus, Rui Veloso, Ornatos Violeta, Zen e Moonspell e está atualmente a trabalhar num projeto ecológico de transformação de “lixo” em arte, designado por Skeletonsea.

Mais em: www.skeletonsea.com; www.rock-sofa.com; www.exculturas.multiply.com

The set designer and percussionist João Parrinha also works in the fields of sculpture, film and video. Having previously joined the blues band IBM and played in the pop group Radar Kadafi with his brother José Bruno Parrinha in the 1980s, he later founded the trio Moeda Noise with Sei Miguel and Fala Mariam, turning his attention to improvised music. His visual creations have always been special: he has painted surf boards and designed sets for concerts by Oasis, Madredeus and Rui Veloso, among others. He is currently working on a project known as Skeletonsea, transforming “rubbish” into art.

Vijay Iyer Trio



© Lynne Harty

QUI 9 DE MAIO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Piano Vijay Iyer **Contrabaixo** Stephan Crump
Bateria Marcus Gilmore

Em outubro de 2011 Vijay Iyer e o seu trio vieram à Culturgest dar um concerto com base no CD de 2009, *Historicity*, um disco elogiadíssimo pela crítica mundial. Tocaram maravilhosamente. Foi um concerto excepcional.

Menos de dois anos volvidos voltam ao nosso Grande Auditório, depois de gravarem o CD *Accelerando*, de 2012, ainda mais louvado do que o anterior. 2012 foi um ano muito feliz para Vijay. Na anual e celeberrima votação dos críticos escolhidos por todo o mundo pela revista *Downbeat*, ganhou em cinco categorias: Artista do Ano, Pianista do Ano, Álbum do ano (*Accelerando*), Compositor Emergente do Ano. Nunca ninguém, na longa história destes prémios, 60 anos, tinha conseguido vencer em cinco categorias. Recebeu ainda dois importantes prémios monetários, o Doris Duke Performing Artist Award e o Greenfield Prize. O site Pitchfork qualificou-o como “um dos mais interessantes e vigorosos jovens pianistas do jazz atual”, *The New Yorker* disse que ele é “um dos mais importantes pianistas de hoje (...) excepcionalmente dotado (...) brilhantemente eclético”, *Guardian* considerou-o “um dos mais inventivos jovens pianistas de jazz do mundo”. E poderíamos continuar com esta lista de encómios pelos mais importantes órgãos de comunicação social.

Vijay e os seus companheiros, em perfeita sintonia, praticam um jazz envolvente, inovador no estilo, na textura, na forma. Uma música fluentemente improvisada e misteriosamente sincronizada.

A Culturgest orgulha-se de ter vindo a apresentar dos maiores pianistas de jazz em atividade, nacionais e estrangeiros. Que o mesmo é dizer, do melhor jazz que se faz no mundo. Não perca mais esta oportunidade.

In October 2011, Vijay Iyer and his trio gave an exceptional concert at Culturgest based on their 2009 CD, *Historicity*. They now return with their even more highly praised CD *Accelerando*. Vijay had an exceptional year in 2012, winning an unprecedented five awards from the magazine *Downbeat*, as well as other prestigious prizes. Critics consider him “interesting and vigorous... exceptionally gifted... one of the world’s most inventive new-generation jazz pianists”.

The trio’s music is innovative, fluently improvised and mysteriously synchronised – among the best jazz in the world. Not to be missed.

As várias vidas da imagem cinematográfica

Encontro com Laura Mulvey e Ismail Xavier



2001: A Space Odyssey - Cinema Redux #13 (detalhe), Brendan Dawes (2004)

SEG 13 DE MAIO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Conferência em inglês, sem tradução.

Organização AIM – Associação de Investigadores da Imagem em Movimento e CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Universidade de Coimbra)

Provavelmente numa versão menos “pura” do que aquela em que sempre nos habituámos a imaginá-la, a imagem cinematográfica entra numa nova etapa das suas muitas vidas. O que mudam as novas tecnologias nos debates históricos dos estudos de cinema, na maneira como se pode pensar a identidade do cinema, a autonomia da obra cinematográfica e o estatuto do espectador? Quais as consequências destas transformações para o ensino e a investigação? Que oportunidades e que desafios se oferecem hoje aos “cinemas do mundo” e às pequenas cinematografias nacionais?

Estas são algumas das questões que servem como ponto de partida para uma conversa entre Laura Mulvey e Ismail Xavier, dois dos mais importantes autores dos estudos de cinema.

Laura Mulvey é docente do Birkbeck College – Universidade de Londres. O seu livro mais recente é *Death 24x a Second: Stillness and the Moving Image* (2006), onde explora as novas possibilidades de análise do cinema abertas pelas tecnologias digitais.

Ismail Xavier é docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A sua obra problematizou questões fundamentais da ontologia cinematográfica e é incontornável para a compreensão do lugar do Cinema Novo do Brasil no contexto do cinema moderno internacional.

Probably less “pure” than we normally imagine it, the cinematic image is now entering a new stage in its many lives. How have the new technologies changed the way we think about cinema, the autonomy of the film and the status of the spectator? What consequences do these changes have for teaching and research? What are the new challenges facing world cinema and the small national film companies?

These are some of the questions debated by Laura Mulvey (Birkbeck College, London) and Ismail Xavier (University of São Paulo), two of the most important authors from the world of film studies.

William Basinski

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



SEG 13 DE MAIO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aprox. 50 min.
5€ (preço único)

M3

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espetáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Outras apresentações:
11 de maio, Teatro Maria Matos

Dois gravadores de fita áudio analógica, *laptop* William Basinski

Músico e compositor nova-iorquino (n. 1958), possui um percurso extremamente raro nos meandros da composição, trabalho ao vivo e edição. Com um longo percurso na produção artística, a sua música vê maior reconhecimento aquando do lançamento da sua obra-prima, *The Disintegration Loops*, série constituída por quatro volumes, que começaram a ser lançados no início da década passada, um curto espaço de tempo depois da queda das Torres Gémeas, no 11 de setembro. Basinski passou esse verão a tentar salvar algumas fitas antigas que tinha em casa, *loops* feitos duas décadas antes, que se encontravam em avançadíssimo estado de decomposição – algumas só sobreviveriam a mais uma reprodução até à degradação final. Ao testemunhar a queda das torres a partir do terraço do seu prédio, Basinski decidiu então deixar que estes pedaços lânguidos, elegíacos, magníficos da música mais lenta do mundo (nessa tradição melódica de Gavin Bryars e de Brian Eno), se revelassem e extinguissem por si só, aí tornando-se, verdadeira e finalmente, peças acabadas. Antes desse momento e desde ele, contudo, Basinski tem vindo a criar várias obras notáveis em continuidade com esta prática, que lidam com a melancolia da finitude e do esquecimento e simultânea imersão na viagem e poética da mortalidade. Abrindo caminho para portas líricas e estruturais no minimalismo contemporâneo como pouquíssimos, formalmente, o fazem, Basinski colaborou na edição recente de uma caixa luxuosa de edição limitada comemorativa do 10.º aniversário da edição original do primeiro volume de *The Disintegration Loops*, complementada por um par de gravações ao vivo de apresentações rearranjadas para orquestra, no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque e na 54.ª Bienal de Veneza. Neste concerto na Culturgest Porto, Basinski apresentará trabalho do seu anunciado novo disco *Nocturnes*, constituído por uma peça “psicadélica” de piano preparado que data do final da década de 70, e uma peça de 20 minutos editada a partir da sua contribuição musical para a ópera *The Life and Death of Marina Abramovic* de Robert Wilson, que percorreu a Europa recentemente.

Filho Único

This New York musician and composer became better known with the release of his masterpiece *The Disintegration Loops*, shortly after 9/11. Basinski had been trying to salvage some old tapes that were already starting to disintegrate, but, witnessing the towers' tragic fall, he decided to let these slow, languid pieces of music be, treating them as finished works. He has produced remarkable works in this manner, dealing with the melancholy of the finite and of oblivion, mixed with the poetics of mortality. At this concert in Porto, Basinski will present work from his new record *Nocturnes*.

www.mmlxii.com

PANOS

palcos novos palavras novas



PANOS 2012 - Os Avós, de Rory Mullarkey. Na Xina Lua da ES Tondela

SEX 17, SÁB 19, DOM 20
DE MAIO

Pequeno Auditório
e Palco do Grande Auditório
2,50€ (preço único)

Às Escuras
de Davey Anderson

Ester
de Rui Catalão

Os Suicidas
de Lola Arias

Os PANOS juntam a nova dramaturgia ao teatro escolar ou juvenil. Pela oitava vez, mais de trinta grupos de todo o país encenam uma das três peças oferecidas (escritas de propósito para serem representadas por adolescentes): dois originais e um texto traduzido do Connections, programa do National Theatre de Londres em que os PANOS se inspiram.

Às Escuras de Davey Anderson (com tradução de Mariana Vieira) baseia-se na história verdadeira de um rapaz de 15 anos de Glasgow acusado de tentativa de homicídio – ele tenta reconstruir os acontecimentos da sua vida que o trouxeram a uma cela na prisão e ameaçam conservá-lo ali. É uma peça curta que produz um forte impacto emocional com a sua economia estilística e narrativa afiada, um concerto de vozes que pode materializar-se de mil maneiras diferentes. O texto integrou o projeto Connections em 2008.

Em *Ester*, uma jovem judia é escolhida para entrar no harém do rei Xerxes; pouco

tempo depois o povo judeu é condenado ao extermínio. O dilema de Ester é: fazer segredo das suas origens para salvar a vida ou arriscar a morte para defender o seu povo? O medo e a morte são os temas principais desta peça de Rui Catalão baseada no Livro de Ester do Antigo Testamento. Apesar de uma atmosfera de segredos, mentiras e ameaças, é uma paródia carnavalesca. Os fortes mascaram-se de fracos; e os fracos usam o poder para esconderem as suas debilidades. O tema mais subtil da peça é o da inteligência.

Os Suicidas, nova peça de Lola Arias (que em março apresentou *Melancolia e Manifestaciones* na Culturgest), parte do caso real de uns adolescentes que se suicidaram no Norte da Argentina. As personagens são esses cinco adolescentes, que se limitam a relatar e organizar o que saiu na imprensa sobre o caso, como se de um documentário se tratasse. Mas como estamos no teatro, ao mesmo tempo que aprendemos mais sobre a história, vemos um palco em transformação, habitado por adolescentes reais cujas ações ilustram, comentam e por vezes subvertem o que está a ser contado.

Em novembro passado realizou-se um *workshop* orientado pelos três autores onde as peças foram analisadas e discutidas com os encenadores dos grupos. As estreias tiveram lugar até ao fim de abril. Agora, no festival da Culturgest, mostramos dois espetáculos de cada peça e publicamos um livro com os textos.

PANOS commissions and translates new plays for young people, inspired by the National Theatre of London's Connections project. Now in its eighth year, a selection from over 30 shows produced all across the country by school and youth theatre groups will be presented in a festival at Culturgest.

In *Blackout* – based on the true story of a 15-year-old boy from Glasgow accused of attempted murder – the playwright Davey Anderson (Connections '08) uses the refined economy of his narrative style to produce a play with a powerful emotional impact. Rui Catalão's *Ester*, based on the Book of Esther, tells us of the dilemma of its protagonist in a play about intelligence that is also a carnivalesque parody. In *Os Suicidas (The Suicides)*, Lola Arias takes the true story of some adolescents in Northern Argentina who committed suicide to write a documentary play in which it is the characters that took their own lives who recount and organise the material published about the affair in the press.

Sou o Vento

de Jon Fosse

Um espetáculo de Diogo Dória e Manuel Wiborg



DE QUI 30 DE MAIO
A DOM 2 DE JUNHO

Palco do Grande Auditório
21h30 (dom às 17h)
Duração aprox. 55 min.
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Autor Jon Fosse **Tradutor** Pedro Porto Fernandes
Encenação e interpretação Diogo Dória, Manuel Wiborg
Cenografia e figurinos João Queiroz, Elsa Bruxelas **Luz** Jorge Ribeiro **Produção** Manuel Wiborg **Coprodução** Culturgest, Manuel Wiborg **Apoio** Embaixada da Noruega

Duas pessoas num barco, em alto mar: Um e o Outro. Fazem um piquenique, com o oceano como cenário, e partilham sentimentos. Um fala de tristeza e do medo de cometer suicídio. E depois mata-se. Ou será que já estava morto? O Outro tenta sobreviver à deriva nas ondas tempestuosas, mas as conversas entre os dois parecem ser entre fantasmas. Ou são mesmo? Talvez sejam apenas formas de existência, sem passado nem futuro, numa irreabilidade qualquer...

Na teia da obra de Jon Fosse este texto (publicado nos Livrinhos do Teatro e já apresentado em Portugal numa encenação de Patrice Chéreau) transpõe uma nova fronteira. Onde estamos? A alegoria do mar, a beleza e o pavor do mar. Eros e Thanatos. A magia polémica do mais minimal texto de Jon Fosse. As suas obras foram traduzidas para mais de quarenta idiomas. É amplamente considerado um dos maiores dramaturgos contemporâneos.

Este espetáculo junta em palco pela primeira vez dois grandes atores de teatro e cinema que têm também um percurso singular enquanto encenadores. Diogo Dória tem trabalhado autores como Beckett, Sarraute ou Pinget; Manuel Wiborg criou espetáculos a partir de textos de Bret Easton Ellis, Ruy Duarte de Carvalho e Anthony Burgess, entre outros.

Two people in a boat, on the open sea: One and The Other. One talks of sadness and the fear of committing suicide. And then he kills himself. Or was he already dead? The Other is adrift and trying to survive, but their conversations make them seem like two ghosts talking. Where are we? The allegory of the sea, the beauty and the dread of the sea. The controversial magic of *I Am The Wind*, the most minimalistic text by Jon Fosse, one of the world's greatest contemporary dramatists. Appearing together on stage for the first time are two great actors from the theatre and cinema who have also followed their own singular paths as directors.

UM
*Tinha muito medo daquilo
E por isso fiz aquilo
Eu sabia que havia de fazer
aquilo*
Pausa curta
*Era pesado demais
Pausa bastante curta
E o mar era leve demais
E o vento soprava forte*
Jon Fosse, *Sou o Vento*



EMBAIXADA DA NORUEGA

Zanussi 5

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



© Jonas J. Tomter

DOM 2 DE JUNHO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h10
5€ (preço único)

M3

Saxofones Kjetil Møster, Eirik Hegdal, Jørgen Mathisen
Contrabaixo Per Zanussi Bateria Gard Nilssen

Não é por acaso que o nome Zanussi 5 nos remete para os Vandermark 5 do outro lado do Atlântico. O quinteto do contrabaixista italo-norueguês Per Zanussi e o quinteto do saxofonista e clarinetista norte-americano Ken Vandermark são duas manifestações de uma mesma causa, a de um jazz afirmativo que deglutiu outras músicas no seu propósito de sintetizar numa só fórmula a condição metropolitana que a sustenta.

Com uma diferença: se Vandermark 5 tem uma óbvia dimensão intelectual, a Zanussi 5 interessa mais fazer a festa, sem desvios de percurso nem subterfúgios expressivos. E com uma arma poderosíssima: a frente de três saxofones com funções multiplicadas entre uníssonos, contrapontos e despiques, mais parecendo todo um naipe de sopros numa orquestra.

A música do grupo norueguês é igualmente complexa e obriga às mesmas extraordinárias capacidades performativas, mas a regra que lhe assiste está às claras: Zanussi, Møster, Hegdal, Mathisen e Nilssen pretendem, acima de tudo, divertir-se e divertir quem os ouve.

Para tal, servem-se de uma receita de deslumbrante eficácia: melodias que entram no ouvido, uma rítmica sincopante e *groovy* que funciona como um motor de combustão a várias velocidades, improvisações delirantes no seu superior nível de inventividade e espontaneidade, permanente introdução de elementos de absoluta surpresa e até de autoarmadilhamento e, sobretudo, muita alegria.

Tudo isto saído da cabeça de um músico, Per Zanussi, formado no Conservatório de Trodheim e na Academia de Música da Noruega que ganhou nome com a estranha banda de jazz eletrónico Wibutee e com praticamente todas as figuras em destaque da música criativa escandinava, como Arve Henriksen, Martin Kuchen, Frode Gjerstad, Mats Gustafsson, Sten Sandell e Bugge Wesseltoft.

There are obvious links between Zanussi 5, led by the Italian-Norwegian double bassist Per Zanussi and Vandermark 5 led by the American saxophonist Ken Vandermark: both are expressions of an affirmative jazz that has swallowed up other forms of music to produce a single formula that synthesises the metropolitan condition. Yet, there's a difference: Vandermark 5 have an obvious intellectual side, while Zanussi 5 are all about partying, with no fancy tricks. The orchestral power of their three saxophones results in rhythmic and catchy tunes that are inventive, spontaneous and, above all, fun.

A Hundred Silent Ways

Concerto de apresentação do primeiro
álbum a solo de Filipe Raposo



© Nuno Bouça

SEX 7 DE JUNHO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Piano Filipe Raposo
Vídeo Nuno Bouça (Realização), Miguel Robalo (Fotografia)
Som Pedro Coelho **Técnico de piano** Hugo Freitas
Desenho de luz Miguel Robalo **Produção executiva** AMG music

Durmo. Regresso ou espero?
Não sei. Um outro flui
Entre o que sou e o que quero
Entre o que sou e o que fui.
In Poesias coligidas, Fernando Pessoa

Procuro sempre o silêncio. O silêncio para escutar o mundo – o silêncio como espaço poético.

A Hundred Silent Ways é um concerto para piano solo que explora uma abordagem livre, contudo conceptual, deste “não lugar” que é o silêncio. Nasce da necessidade de conhecer ou tomar consciência deste território entre territórios, deste espaço que liga duas composições distintas que apenas comunicam através desse mesmo silêncio.

Compor permite-me conhecer esta realidade e habitá-la. Ao criar, “um outro flui”, e assim conheço.

Para ilustrar a realidade que desejo criar, recorro a técnicas diferentes ao sabor das diferentes exigências dos temas: efeitos texturais; focagem e desfocagem rítmica; exploração de diferentes registos num único instrumento; contínuo harmónico; sobreposição de blocos; exploração de polirritmias; figuração rítmica; estruturas contrapontísticas livres que conduzem a secções de improvisação.

No seguimento do trabalho desenvolvido em trio em *First Falls*, neste disco a solo continuo a explorar os três universos que contêm a síntese do meu trabalho: o da música tradicional, onde são estilizados ritmos e melodias; o da música erudita, que contamina o conceito de forma e a conceção harmónica; e o da música improvisada, que atravessa toda a minha música.

A Hundred Silent Ways são quadros sonoros que vou pintando na estrutura formal das minhas composições e improvisações, “entre o que sou e o que fui”.

Filipe Raposo

I always look for silence – silence to listen to the world, silence as a poetic space. *A Hundred Silent Ways* is a solo piano concert that explores the “non-place” of silence, springing from the need to know this territory between territories, this space connecting two distinct compositions linked only by that same silence. I use this album to explore the three universes that synthesise my work: traditional, erudite and improvised music. *A Hundred Silent Ways* are the sound paintings that form the structure of my compositions and improvisations, “between what I am and what I was”.

Filipe Raposo

Experimental Audio Research (E.A.R.)

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



SEX 14 DE JUNHO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração aprox. 50 min.
5€ (preço único)

M3

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espetáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Sintetizadores, eletrónica Pete Kember

Pete “Sonic Boom” Kember (n. 1965) é um instigador e um lendário sobrevivente do psicadelismo, desde que formou os indomáveis Spacemen 3 em 1982 com Jason Pierce (Spiritualized). Para além dos concertos intensos que sulcaram memórias e caracteres criativos desde então, tem vindo a produzir uma quantidade muito substancial de música que marcou, indelevelmente, a produção sonora independente dos anos 80 em diante. Ao longo de discos notáveis enquanto Spectrum e Experimental Audio Research (E.A.R.), Kember mantém-se permanentemente na procura de novas formas de comunicação da transcendência, explosão metafísica e comunicação cósmica através de som, rito e hipnose. Nos últimos anos a esta parte tem vindo a ser redescoberto pelas gerações mais jovens, criadores e ouvintes, muito devido ao seu comando nas misturas de *Tomboy* de Panda Bear – com quem se apresentou ao vivo na promoção do mesmo – e funções de produtor em *Congratulations* dos MGMT, para além do trabalho de masterização em discos de Sun Araw, Peaking Lights, Wooden Shjips e das reedições recentes de Red Crayola. Desde a criação desta sua alteridade E.A.R. em 1990, Kember tem trabalhado com um diverso mas criterioso grupo de músicos ao longo do tempo, tanto em estúdio como ao vivo, de Eddie Prévost a Kevin Shields, passando por Delia Derbyshire ou Thomas Köner, dado que entende o conceito por si desenhado tanto como um veículo individual solitário como prevê ensembles colaborativos. Nesta ocasião na Culturgest Porto, Kember apresentar-se-á a solo neste projeto que idealizou e tem vindo a dar consequência para o seu trabalho em domínios mais abstratos, produzindo peças arquitetadas maioritariamente em sintetizadores modulares.

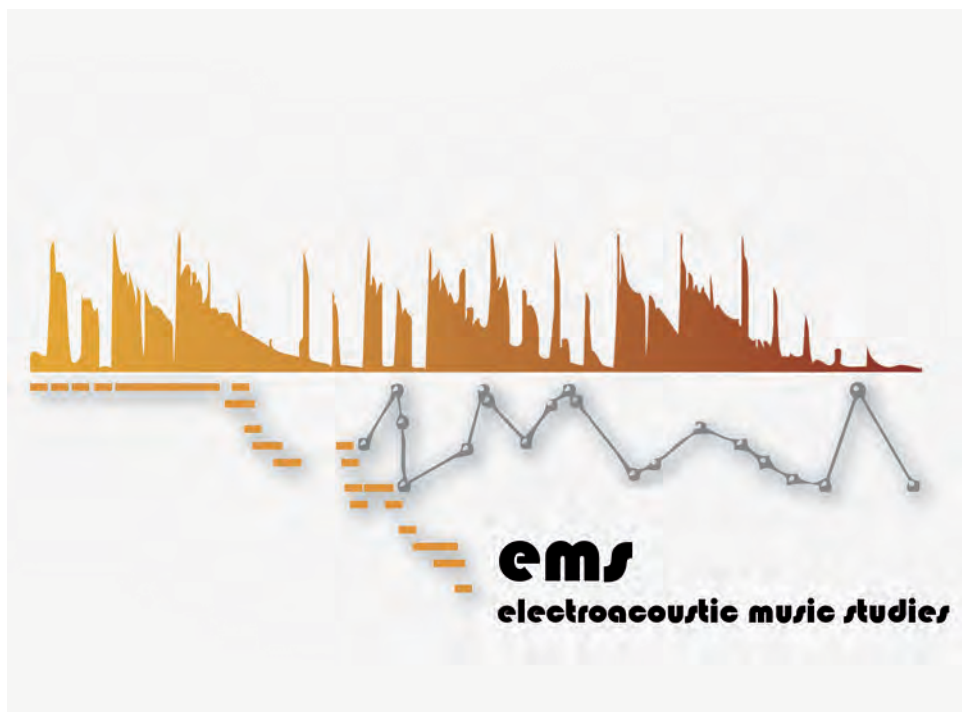
Filho Único

Pete “Sonic Boom” Kember is a renowned instigator of new work in the field of psychedelia, having teamed with Jason Pierce to form Spacemen 3 in 1982. He is constantly seeking to communicate cosmically through sound, ritual and hypnosis, and has recently been rediscovered by younger generations, due to his production work for Panda Bear’s *Tomboy* and MGMT’s *Congratulations*. Since the creation of his alter ego E.A.R. in 1990, Kember has worked with all manner of musicians, both live and in the studio. At Culturgest Porto, he will be performing solo, playing pieces constructed mainly on modular synthesisers.

www.sonic-boom.info

EMS 2013

Electroacoustic Music in the Context
of Interactive Approaches and Networks



DE SEG 17 A SEX 21
DE JUNHO

Pequeno Auditório
e Sala 2

Para mais informações:
[www.ems-network.org/
ems13/EMS2013-Home.html](http://www.ems-network.org/ems13/EMS2013-Home.html)

O programa de conferências
e concertos estará disponível
na última semana de março.
Concertos: 5€ (preço único).

Inscrições abertas a partir de
abril no site oficial do evento.

Falado em inglês e francês,
sem tradução.

Organização CESEM – Centro de Estudos em Sociologia
e Estética Musical

A 11.^a conferência da Electroacoustic Studies Network
realiza-se este ano em Lisboa de 17 a 21 de junho na Culturgest,
subordinada ao seguinte tema específico: Electroacoustic Music
in the Context of Interactive Approaches and Networks.

Um congresso internacional ao longo de cinco dias bem como
três dias de concertos de alguns compositores portugueses
com um trabalho mais significativo na área constituem o ponto
forte do evento. A conferência EMS13 permitirá a discussão de
temas das artes musicais que recorram às tecnologias, como
por exemplo, a influência da tecnologia na criação musical
e nas práticas performativas. Também serão focadas as
transformações técnicas e estéticas que os sistemas interativos
induzem na música eletroacústica. Serão igualmente abordadas
questões ligadas à análise das músicas eletroacústicas,
assim como questões de integração e interinfluência entre a
eletroacústica, a ciência, a tecnologia e a sociedade.

Dos compositores participantes nos concertos destacamos
os nomes já confirmados de Clotilde Rosa, João Pedro Oliveira,
Carlos Zíngaro, Isabel Pires, Tomás Henriques, Jaime Reis,
Ricardo Jacinto, António de Sousa Dias e Fernando Fadigas.
As inscrições para o congresso abrem em abril de 2013.

O evento, no qual são diretores Isabel Pires e Rui Pereira
Jorge, é uma organização do CESEM (Centro de Estudos em
Sociologia e Estética Musical) da FCSH.

From 17 to 21 June, the 11th Conference of the Electroacoustic
Studies Network will examine Electroacoustic Music in the
Context of Interactive Approaches and Networks. This five-day
international conference will discuss themes from the musical
arts that make use of modern technologies, examining the
influence of technology on musical creation and looking at
questions linked to the analysis of electroacoustic music and its
relationship with science, technology and society. The highlight
of this conference will be the three days of concerts given by
Portuguese composers working in this area.

A Sagração da Primavera

de Olga Roriz



© Veríssimo Dias

SEX 21, SÁB 22
DE JUNHO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 50 min.
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta 21, após o espetáculo, haverá uma conversa com Olga Roriz na Sala 1.

Direção e interpretação Olga Roriz **Música** Igor Stravinsky
Cenário e assistência dramaturgica Paulo Reis **Figurino** Olga Roriz e Paulo Reis **Desenho de luz** Cristina Piedade **Desenho e operação de som** Sérgio Milhano **Diretor técnico** Manuel Alão **Assistente de cenografia e figurinos** Maria Ribeiro **Gestão e direção de Produção** Fernando Pêra **Secretariado e produção** Teresa Brito

Olga Roriz após 36 anos de carreira como intérprete e nove solos criados, lança-se a um duplo desafio.

A revisitação de uma obra maior como é *A Sagração da Primavera* e a insistência da sua longevidade como bailarina e intérprete. Poucos são no Mundo os criadores que se propõem a coreografar esta obra, muito menos ainda os que aos 57 anos de idade a dançam.

Olga Roriz é a única intérprete/criadora no nosso País e das poucas na Europa que continua a transmitir pelo seu próprio corpo o seu legado coreográfico e artístico, que persiste em construir, desenvolver e partilhar com o público a sua presença gestual e interpretativa impar.

2013 celebra o centenário da criação de *A Sagração da Primavera* por Nijinsky/Stravinsky. Após a sua primeira criação desta obra a coreógrafa confessa:

“Algo ficou por fazer, tanto ficou por ser dito.

Pretendo encontrar um outro estar, uma acumulação do mesmo mas sempre em renovação, jamais entendido.

Ignorar os tabus, reescrever a história, acrescentar as referências e criar o momento.

Paixão, memórias e saber, manter-se-ão intactos, serão respeitados mas sem voz, sem espaço, sem presente.

Corpo a corpo num confronto nunca pacífico.”

57-year-old Olga Roriz faces a dual challenge: to revisit a major work such as *The Rite of Spring* and to underline her longevity as a dancer and choreographer. She is the only Portuguese performer, and one of the few in Europe, still using her own body to transmit her choreographic and artistic legacy, building, developing and sharing her unrivalled gestural and interpretive presence with her audience. 2013 marks the centenary of *the Rite of Spring* by Nijinsky/Stravinsky. After her first interpretation of this work, Olga confessed “Something still remained to be done, so much was left unsaid.”

Sala VIP

Letras de Jorge Silva Melo
Orquestração de Pedro Gil

Festival de Almada



© Jorge Gonçalves

DE SÁB 6 A TER 9
DE JULHO

Palco do Grande Auditório
21h30 (dom às 17h) · Dur. 1h30
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M16

Aos pais que queiram assistir à sessão de domingo às 17h: vai decorrer em simultâneo uma oficina gratuita para crianças dos 5 aos 10 anos a partir do espetáculo. Inscrições e informações: culturgest@cgd.pt

HUSKYMILLER/DR. HOUSE
Não funcionam os rins nem o baço – não funcionam os pulmões.

LEONORA

Respiração assistida?

AÇUCENA

E a vesícula, o apêndice?

O estômago, a laringe?

O diafragma, os intestinos.

LEONORA

Funciona alguma coisa?

HUSKYMILLER/DR. HOUSE

Nem o cérebro.

Não responde.

KARSENTY JR

Não funciona o coração?

HUSKYMILLER/DR. HOUSE

Não.

Jorge Silva Melo, *Sala VIP*

Os Artistas Unidos são uma estrutura financiada por Governo de Portugal Secretaria de Estado da Cultura e Direção-Geral das Artes.



Texto Jorge Silva Melo **Encenação** Pedro Gil
Com Andreia Bento, Maria João Falcão, Elmano Sancho, António Simão e João Pedro Mamede **Cenografia e Figurinos** Rita Lopes Alves **Músico** João Aboim **Luz** Pedro Domingos
Uma produção Pedro Gil, Artistas Unidos e Culturgest
O texto está editado nos Livrinhos de Teatro (n.º 76)

Gente que espera, gente que já morreu? São quem? Personagens do mundo lírico, Leonoras, Huskymillers, Açucenas? Esperam – desesperam. Já tudo acabou?

Uma das minhas *cenas primitivas* vou encontrá-la n'A *Queda do Egoísta Johann Fatzer* encenada pelo Jorge. Ainda no *século passado*. As falas do protagonista apareciam de todos os lados, pelas bocas de vários atores, alternadamente ou em simultâneo. Todos podiam ser Fatzer. Ao longo de mais de 10 anos o Jorge tem-me provocado inúmeras vezes para peças e filmes. Chegou a minha vez de dizer *anda daí dar uma volta*. Quero discutir com o Capitão Jorge, fazer um projeto assim, de ensaios, reuniões, leituras, reescritas, emails, trocas de livros e DVDs e perpetuar *este gesto possível em recusa da morte*. Em *Sala VIP*, para começar, teremos cinco pessoas presas num aeroporto internacional. Depois faremos das palavras do Jorge as nossas perguntas: e depois do sucesso? do dinheiro? do orgasmo? do amor? da juventude? *E depois do teatro?*

Pedro Gil

Quando o Pedro Gil me perguntou se eu estaria interessado em escrever para ele (uma peça, uma não-peça, uma coisa), sabia que ia encontrar um interlocutor e não apenas um encomendador. E eu queria escrever uma peça que ele quisesse montar, como e quando e com quem lhe apetecesse. Mas não uma peça que lhe calhasse a matar, na sequência daquelas que ele tão bem tem feito. Queria que fosse minha, com as minhas inquietações, o que me interessa, o que me inquieta. Queria passar-lhe as chaves do carro (como fiz no filme sobre o Álvaro Lapa), falar com ele da estrutura intrigante das velhas (e afinal tão novas) peças de Terence Rattigan, entregar-lhe um mundo que me desaparece. E há anos que ando, também por nunca ter conseguido dirigir o *Boulevard Solitude* de Hans Werner Henze, bela ópera sobre a *Manon* do Abade Prévost, às voltas com esta paixão, esta vertigem, esta morte, o dinheiro. E então será esta a minha *Manon*, *sola, perdida, abandonata*, com saudades de Puccini. Entre salas de espera, hospitais, spas e aeroportos, vamos morrendo, desfeitos. Que vais tu, Pedro, fazer disto?

Jorge Silva Melo

People who are waiting, people who are already dead?
Characters from the lyrical world, Leonoras, Huskymillers,
Açucenas? They wait – desperately. Is everything already over?

Audio Description

Ciclo Vinte e sete sentidos · Organização: Granular



QUI 11 DE JULHO

Sala 2
18h30 · Duração aprox. 50 min.
3,50€ (preço único)

M12

O público deverá usar roupa confortável e concordar em usar uma venda, caso não seja invisual ou ambliope.

Sobre o ciclo

“Vinte e sete sentidos”

Logo no início do século XX, Kurt Schwitters e poucos outros como ele propuseram-se contemplar os «vinte e sete sentidos da sensorialidade». Quase 100 anos passados, é com a amplitude da percepção humana que as artes de ponta preferem lidar, juntando o tempo e o espaço, o ouvido e o olho. O ciclo “Vinte e sete sentidos” equaciona a *performance* com a instalação, relacionando a música com outras expressões artísticas, em projetos transdisciplinares e de interação dos meios utilizados. Os conceitos e as práticas variam consoante as perspetivas dos artistas convidados e pretendem-se sempre imprevisíveis. Se a tecnologia hoje ao dispor permite, já por si, o atravessamento das linguagens possíveis, o foco está na criação de soluções menos óbvias, sempre procurando ir para além das finalidades originais de cada funcionalidade.

www.granular.pt



Conceção e *performance* Susana Mendes Silva

As minhas *performances* partem sempre de mimetizar ações que pertencem à esfera da vida de todos os dias: fazer uma pergunta, contar uma história, ter uma ação política, perturbar um cenário.

Audio Description remete para uma técnica de narração de imagens ou representações visuais que descreve a ação, as cenas, o cenário, o que só pode ser visto. É usada, sobretudo, em televisão, teatro e cinema, mas também em museus ou eventos desportivos.

Susana Mendes Silva é artista plástica e *performer*. Desde meados dos anos noventa tem vindo a criar um corpo de trabalho fragmentado e antilinear empregando *media* tão diferentes como os da fotografia, vídeo, instalação, desenho e performance. Nos seus projetos tem explorado as especificidades de contextos sociais ou íntimos, dos próprios espaços expositivos, evocando narrativas atuais ou históricas, ou convocando os espectadores para a obra.

Mais em: www.susanamendesilva.com

Susana Mendes Silva is a visual artist and a performer. Since the mid 1990's Susana have been creating a fragmented and antilinear body of work, making use of such diverse media as photography, video, installation, drawing, and performance. In her projects she explores the specificities of social and intimate contexts, of the very exhibition spaces, evoking actual or historical narratives or convoking the viewers to the work.

Débords - Réflexions sur *La Table Verte*

Transbordar Reflexões sobre *A mesa verde* de Olga de Soto



Jean Cébron, Kurt Jooss, Pina Bausch, Erika Fabry © Gert J van Leeuwen

SEX 12, SÁB 13
DE JULHO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 2h
14€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Os filmes projetados são falados em francês, inglês, alemão e espanhol, com legendas em português.

Débords é um trabalho de pesquisa que tem como ponto de partida *A mesa verde*, de Kurt Jooss.

Este projeto recebeu apoio adicional do Centre de développement chorégraphique d'Uzès e do Théâtre de la Place de Liège, e recebeu bolsas de investigação do Ministère français de la Culture et de la Communication e do Ministère de la Fédération Wallonie-Bruxelles.

Olga de Soto é convencionada pela Fédération Wallonie-Bruxelles e residente, em termos administrativos, na Raffinerie - Charleroi / Danses, Centre Chorégraphique de la Fédération Wallonie-Bruxelles. Este projeto teve apoio da Comissão Europeia.

Conceito, direção, documentação, realização vídeo, câmara e som Olga de Soto Com Fabian Barba, Alessandro Berbardeschi, Edith Christoph, Olga de Soto, Hanna Hedman, Mauro Paccagnella, Enora Rivière Montagem vídeo Julien Contreau, Olga de Soto Música Frederic Rzewski, John Cage Luzes Philippe Gladieux Criação sonora Mathieu Farnarier Técnica de vídeo Bram Moriau ou Benjamin Dandoy, Olga de Soto Conceito cenográfico Olga de Soto, Shizuka Hariu Cenografia Shizuka Hariu / Shsh Construção do cenário Yann Strobant Figurinos Dorothee Catry Coordenação técnica Daniel Huard Assistente de pesquisa documental Karin Verbruggen Produção Niels & Caravan Production Coprodução Joint Adventures, Tanzwerkstatt Europa; Les Halles; Culturgest; Festival d'Automne; Les Spectacles Vivants, Centre Pompidou; Tanzquartier Wien; Centre Chorégraphique National de Montpellier Languedoc-Roussillon no quadro de Jardin d'Europe, com apoio da União Europeia; Open Latitudes (les Halles, Bruxelas; Latitudes Contemporaines, Lille; Le Manège de Mons / Maison Folie-Mons; Cialo Umysl Foundation, Varsóvia; Teatro delle Moire, Milão; Sin Arts et Culture Centre, Budapeste; Le Phénix, Scène Nationale de Valenciennes; L'Arsenic, Lausanne), com apoio da União Europeia Apoio Tanzfonds Erbe, uma iniciativa da Fundação Cultural Federal Alemã, La Fédération Wallonie-Bruxelles; Arquivos Jooss, Deutschen Tanzarchives Köln (Colónia / Amsterdão), Wallonie-Bruxelles International

Em novembro de 2011, apresentámos no Palco do Grande Auditório da Culturgest a conferência-performance de Olga de Soto *Sur les traces de La Table Verte - Une Introduction*, primeira parte de uma investigação intensiva que esta coreógrafa espanhola, há muito radicada em Bruxelas, desenvolveu nos últimos anos sobre *A mesa verde*, de Kurt Jooss, obra estreada em 3 de julho de 1932 no Théâtre des Champs Élysées, em Paris.

Apresentamos agora *Débords - Réflexions sur La Table Verte*, que é o resultado final destes anos de trabalho que se inserem num movimento de pesquisa e criação que se debruça e vai buscar as suas fontes à História da Dança do século XX e de que Olga de Soto pode ser considerada perscrutadora. Nas suas criações, a coreógrafa investiga os temas da memória e do rasto. As suas criações oscilam entre o estudo da memória perceptiva, a pesquisa documental - ligada à história da dança - e o estudo e teste da memória corporal.

Olga de Soto has conducted intensive research into Kurt Jooss' *The Green Table* (1932) and now presents *Débords - Réflexions sur La Table Verte*, a performance that is the fruit of her many years of research centred on the History of 20th-Century Dance. In her creations, Olga de Soto oscillates between the study of perceptive memory, documentary research and the study and testing of corporeal memory.

HEROIN

HEROÍNA de THEATREclub

Festival de Almada



© Barbara Cieslar

TER 16, QUA 17, QUI 18
DE JULHO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
14€ · Até aos 30 anos: 5€

M16

Em inglês com legendas
em português

Encenação Grace Dyas **Com** Barry O'Connor, Gerard Kelly e Lauren Larkin **Cenografia** Doireann Coady **Luz** Eoin Winning **Figurinos** Emma Fraser **Produtor** Shane Byrne **Diretor de cena** Tom Mullan **Colaboração** Equipa de Droga da Comunidade do Rialto, Graham Ryall, Rachel Keogh e o seu livro *Dying To Survive*, Tony May, Conor Cillian Madden e Ryan O'Connor **Apoio** Programa CREATE, The Arts Council of Ireland, Dublin City Council **Estreia** 11 de setembro de 2010, Dublin Fringe Festival

HEROIN é a história que nunca vos contaram sobre a nova república, a pessoa que nunca viram, o que construíram e depois deitaram abaixo. É aquela grande, aquela má, aquela que nunca pensaram experimentar.

HEROIN é um espetáculo radical sobre como viemos aqui parar, e quanto nos importamos. É tudo aquilo que alguma vez nos aconteceu, as palavras nunca ditas e a chapada que nos deram aqueles em quem votámos. Esta peça de Grace Dyas para a jovem e premiada companhia THEATREclub é uma explosão da história social da heroína na Irlanda ao longo dos últimos quarenta anos.

Antes de começar o processo de criação de *HEROIN*, levei a cabo um enorme projecto de pesquisa e desenvolvimento. (...) Decidi fazê-lo antes de qualquer tentativa de trabalhar o espectáculo, porque estava aterrorizada. O assunto era enorme, e parecia enorme. (...)

Comecei a criar uma peça com o Grupo de Homens da Equipa de Droga da Comunidade do Rialto. Eles queriam fazer uma peça sobre a linguagem de rua. Como esconder o que estás a dizer. Fizemos um acordo. Se eu os ajudasse com a peça deles, eles ajudavam-me com a minha.

Grace Dyas

HEROIN is the story you were never told about the new republic, of the person you never saw, of what you built and then demolished. It's the big one, the bad one, the one you never thought you'd try.

HEROIN is a radical staging of how we got here, and how much we care. It's everything that ever happened to us, the words that were never spoken and how the ones we voted for kicked us in the teeth. Grace Dyas's play is an explosion of the social history of heroin in Ireland over the last forty years.

A força da peça reside na eficácia com que transmite a realidade da dependência: a futilidade cíclica, quase inevitável que acompanha a vida em certas partes de Dublin.

Laurence Mackin,
The Irish Times

THEATREclub faz parte do Project Catalyst, uma iniciativa do Project Arts Centre



 Culture Ireland
Cultúr Éireann

Exposições

Rui Toscano

Esculturas Sonoras 1994-2013

Sound Sculptures 1994-2013



7, 1998 - Coleção de Arte Contemporânea da Portugal Telecom - Fotografia: DMF, Lisboa

ATÉ 19 DE MAIO

Galeria 1
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
no dia 1 de maio.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 13 de abril, 17h

Curadoria Miguel Wandschneider

Em 1994, Rui Toscano (Lisboa, 1970) produziu uma escultura sonora que se viria a revelar determinante no desenvolvimento da sua prática artística nos anos subsequentes. *Bricks are Heavy*, assim se intitulava, inaugurou uma genealogia de obras em que o artista utiliza o radiogravador simultaneamente como elemento escultórico e como sistema de amplificação sonora. O radiogravador era, já em meados da década de 1990, um objeto obsoleto, em vias de desaparecimento, e isso tornou cada vez mais difícil, mas não impediu, o desenvolvimento deste corpo de trabalhos, como comprovam duas novas esculturas sonoras, uma delas projetada há dez anos.

A referência à cultura rock, e por essa via a uma determinada cultura juvenil que o artista perfilhava, estava muito presente nas duas primeiras dessas peças – também em (*...They Say We're Generation X But I Say We're Generation Fuck You!*), de 1995. Mas o que persiste em todas elas, e que poucos terão notado na década de 1990, é uma muito particular reativação da linguagem formal característica da escultura minimalista a partir de premissas, atitudes e questões estranhas a essa tradição. Rui Toscano elabora quadros de experiência e de sentido a partir do cruzamento entre formas simples, minimais, e ocorrências sonoras através das quais o real e a representação irrompem. A esta dimensão discursiva alia-se, frequentemente, uma dimensão autorreferencial da obra de arte.

In 1994, Rui Toscano (Lisbon, 1970) produced a sound sculpture that was to prove decisive for the development of his artistic practice over the following years. *Bricks are Heavy* marked the beginning of a long line of works in which the artist simultaneously uses the radio cassette player as a sculptural element and as a sound amplification system. By the mid-1990s, the radio cassette player was already an obsolete object that was gradually beginning to disappear: although this fact made the process increasingly difficult, it did not prevent the development of this body of works.

The reference to rock culture, and thus to a certain youth culture that the artist shared in, was unmistakably present in the first works that he made of this kind. Yet what has endured in all of his sound sculptures – something that few people actually noted in the 1990s – is the remarkable reactivation of the characteristic formal language of minimalist sculpture, based on premises, attitudes and questions that are alien to that tradition. Rui Toscano creates frameworks for experience and meaning based on the crossover between simple, minimal forms and sound events through which reality and representation are able to burst forth. Frequently allied to this discursive dimension is a self-referential dimension of the work of art.

Michel Auder

Retrato de Michel Auder
Portrait of Michel Auder



Chelsea Girls with Andy Warhol, 1971-1976/1994

ATÉ 19 DE MAIO

Galeria 2
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
no dia 1 de maio.

Sessões no
Pequeno Auditório:

Sábado, 6 de abril, 18h30 · 1€
Roman Variations (1991)
50 min.

Domingo, 7 de abril, 18h · 1€
*Voyage to the Center of the
Phone Lines* (1993)
53 min.

Domingo, 14 de abril, 17h · 2€
The Feature (2008)
175 min.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 6 de abril, 17h

Curadoria Miguel Wandschneider

Durante mais de quarenta anos, Michel Auder (França, 1945) tem vindo a retratar de forma assumidamente subjetiva, e com base na sua experiência vivida e em circunstâncias biográficas, o mundo (próximo ou distante, íntimo ou anónimo) que o rodeia. Tendo-se mudado de Paris para Nova Iorque em 1970, ele filmou constantemente, ao longo das décadas de 1970 e 1980, as pessoas que lhe eram próximas, incluindo figuras mais ou menos ilustres do meio cultural e artístico nova-iorquino. Com esse abundante material realizou, não raramente muitos anos mais tarde, filmes em que desenvolve um estilo documental muito próprio que não deixou de explorar até hoje.

A partir do final da década de 1970, o trabalho em vídeo de Michel Auder ramificou-se em múltiplas direções, incluindo filmes ficcionais concebidos em colaboração com alguns dos seus amigos e conhecidos, filmes com forte sentido autobiográfico em que o ficcional e o documental se entrecruzam, composições feitas a partir de imagens televisivas, ou vídeos baseados na livre associação de imagens, em modos de pensamento visual próximos da poesia. A exposição está ancorada nesta última genealogia de obras; o extenso programa de sessões no auditório contempla outras facetas do seu trabalho em vídeo.

Retrato de Michel Auder é parte de uma colaboração com a Kunsthalle Basel, que em junho de 2013 apresentará uma outra exposição do artista.

For over forty years, Michel Auder (France, 1945) has been portraying the world around him (near or far, intimate or anonymous) in a decidedly subjective fashion based on his own life and experience. After moving from Paris to New York in 1970, he spent the 1970s and 1980s constantly filming those he lived and socialised with, including many people from the artistic and cultural circles. He used this abundant material (often many years later) to make films where he developed his own very personal documentary approach. Since the end of the 1970s, Michel Auder's video work has branched out in multiple directions, including fictional films conceived in collaboration with some of his friends and acquaintances, films with a highly autobiographical slant in which fiction and documentary are blended together, compositions based on the filming of television images, or videos based on a loose association of images, involving modes of visual thinking that frequently come very close to poetry. His exhibition is rooted in works of this latter type; the extensive programme of film sessions presented in the auditorium covers other aspects of his video work.

Portrait of Michel Auder is part of a collaboration with Kunsthalle Basel, where another exhibition of the artist will take place in June 2013.

Walter Swennen



Sem título (Anúncio), 2010 · Coleção particular, Londres · Fotografia: Andy Keate

DE 22 DE JUNHO
A 8 DE SETEMBRO

Inauguração:
Sexta, 21 de junho, 22h

Galeria 1
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
no dia 1 de maio.

Curadoria Miguel Wandschneider

Em Portugal, graças às exposições que o Museu de Serralves lhes dedicou, estamos familiarizados com o trabalho de dois pintores belgas que nas últimas décadas se tornaram referências no campo da pintura: Raoul De Keyser e Luc Tuymans. Existe, contudo, um pintor belga muito admirado no seu país, em particular por outros artistas, que tarda em ser detetado pelos radares do contexto artístico internacional: Walter Swennen (Bruxelas, 1946). Esta exposição é uma retrospectiva do seu trabalho desde o início da década de 1980, quando o artista decide pôr termo à sua atividade de poeta, por considerá-la um sucedâneo de certa poesia Beat, para adotar a pintura como modo de expressão. Na sua pintura, intimamente ligada às suas vivências e aos seus estados psicológicos, Swennen foi construindo um olhar fortemente subjetivado, pleno de humor e melancolia, sobre o mundo. E fê-lo numa constante dispersão estilística (que vai muito para além da simples e simplista distinção entre figurativo e abstrato) e privilegiando a improvisação como *modus operandi*. É notável a forma como, nos últimos quinze anos, o artista expandiu o seu reportório de soluções formais e expressivas, só possível por um domínio cada vez maior do seu *medium* e uma consciência cada vez mais apurada dos problemas especificamente pictóricos.

Esta exposição é organizada em colaboração com o centro de arte contemporânea WIELS, em Bruxelas, onde será apresentada em outubro deste ano.

Portuguese audiences are by now familiar with the work of two Belgian artists who in recent decades have become major references in the field of painting: Raoul De Keyser and Luc Tuymans. There is, however, another Belgian painter who is greatly admired in his own country, particularly by other artists, but who has yet to be picked up by the radars of the international art world: Walter Swennen (Brussels, 1946). This exhibition is a retrospective of his work since the early 1980s, when the artist decided to put an end to his activity as a poet and adopt painting as his preferred means of expression. In his painting, closely linked to his own experiences and different psychological states, Swennen has gradually been constructing a highly subjective view of the world, full of humour and melancholy, in a constant dispersal of styles and giving special emphasis to improvisation as a *modus operandi*. The remarkable way in which the artist has expanded his repertoire of formal and expressive solutions over the past fifteen years has only been made possible by his ever greater mastery of his medium and his keener awareness of the specific problems of painting.

This exhibition is organised in partnership with the WIELS, Contemporary Art Centre, in Brussels, where it will be presented in October of this year.

Visita guiada
por João Queiroz
Sábado, 6 de julho, 17h

Visita guiada
por Bruno Pacheco
Sábado, 7 de setembro, 17h

Consulte as visitas do Serviço
Educativo na página 88.

Tell It To My Heart

Reunido por Julie Ault

Collected by Julie Ault



Steven Evans. *Macho Man, Tell It To My Heart*, 1989
Oferta do artista a Julie Ault, 1992 · Fotografia: Heinz Peter Knes

DE 22 DE JUNHO
A 8 DE SETEMBRO

Inauguração:
Sexta, 21 de junho, 22h

Galeria 2
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
no dia 1 de maio.

Conversa com Julie Ault
e o grupo de curadores
Domingo, 23 de junho, 17h

Consulte as visitas do Serviço
Educativo na página 89.

Curadores Julie Ault, Martin Beck, Nikola Dietrich, Heinz Peter Knes, Jason Simon, Danh Võ e Scott Cameron Weaver

Esta exposição reúne uma ampla seleção da coleção de Julie Ault (1957), artista, curadora e escritora, cuja prática tem estado fortemente enraizada em diferentes formas de colaboração. Em 1979, Julie Ault cofundou o Group Material, coletivo de artistas de composição variável (a que pertenceram, entre outros, Doug Ashford, Felix Gonzalez-Torres e Tim Rollins) que, até à dissolução do grupo em 1996, explorou a relação entre arte, ativismo e política. Uma força motriz do trabalho de Julie Ault tem sido a exploração das inter-relações entre produção cultural e política, envolvendo frequentemente a investigação histórica. O seu intenso diálogo com diversos artistas esteve na origem de múltiplas e importantes exposições e publicações. Muitas das obras da sua coleção foram-lhe oferecidas por artistas com quem manteve uma relação constante. Esta exposição é concebida e organizada em estreita colaboração com um grupo de artistas e curadores, incluindo a própria Julie Ault. A coleção inclui obras de artistas como Felix Gonzalez-Torres, Corita Kent, Andres Serrano, Wolfgang Tillmans, Nancy Spero, Roni Horn, Danh Võ, ou Martin Beck, entre muitos outros. Um extenso programa de filmes, concebido por Jason Simon e apresentado no pequeno auditório é parte integrante deste projeto.

A exposição *Tell It To My Heart: Reunido por Julie Ault* é coproduzida com o Museum für Gegenwartskunst Basel.

This exhibition brings together a wide selection of works from the collection of the artist, curator and writer Julie Ault, whose practice has been deeply rooted in different forms of collaborative activity. In 1979, Julie Ault was a co-founder of Group Material, an artist collective with a changing cast of members (Doug Ashford, Felix Gonzalez-Torres and Tim Rollins, among others, have all belonged to it) and which, until the group disbanded in 1996, explored the relationship between art, activism and politics. Many of the works in her collection are gifts from artists with whom she has maintained an ongoing discourse. This exhibition is conceived and organised collaboratively by a group of artists and curators, including Julie Ault. The collection includes works by artists such as Felix Gonzalez-Torres, Corita Kent, Andres Serrano, Wolfgang Tillmans, Nancy Spero, Roni Horn, Danh Võ and Martin Beck, among many others. Also forming an integral part of this project is an extensive film programme, conceived by Jason Simon and presented in the small auditorium.

The exhibition *Tell It To My Heart: Collected by Julie Ault* is a co-production with the Museum für Gegenwartskunst Basel.

Danh Võ

A asa de Gustav
Gustav's Wing



Gustav's Wing, 2013 · Fotografia: Filipe Braga

CULTURGEST PORTO
ATÉ 13 DE ABRIL

Entrada gratuita

Curadoria Óscar Faria

Danh Võ (Bà Rịa, Vietname, 1975) concebeu esta exposição tomando em consideração o lugar onde ela se inscreve. *We The People*, ambicioso projeto iniciado em 2011, que consiste na recriação da Estátua da Liberdade em inúmeros fragmentos à escala 1:1, é o núcleo duro da exposição. Danh Võ ficou fascinado ao descobrir que aquela estátua é composta por uma fina camada, uma pele, suportada por uma estrutura interior; interessou-lhe o contraste entre a ideia de fragilidade assim revelada e a monumentalidade da estátua. Os fragmentos da Estátua da Liberdade estabelecem uma relação estreita, uma correspondência direta até, com pequenas esculturas em *papier mâché* de fragmentos do corpo de um adolescente (nomeado no título da exposição) e com os fragmentos de uma figura em madeira de Cristo crucificado, datada do século XVIII. Outro dos eixos conceptuais da exposição é definido por uma das obras mais emblemáticas de Danh Võ: a cópia manuscrita de uma carta enviada por um missionário jesuíta ao pai, no século XIX, antes da sua decapitação – uma carta que tem sido regularmente copiada (e recopiada) por Phung Võ, pai do artista. Através da conjugação destas e de outras obras recentes, Danh Võ constrói uma complexa rede de relações, por vezes invisíveis numa primeira aproximação, em que o tema da condição humana, da sua fragilidade e mortalidade, emerge como *leitmotiv*.

Danh Võ (Bà Rịa, Vietnam, 1975) conceived this exhibition taking into close consideration the characteristics of the exhibition place. *We The People* is an ambitious project that began in 2011 and consists of recreating the Statue of Liberty in countless fragments on a 1:1 scale, making it the exhibition's central core. Danh Võ was fascinated to discover that this statue is composed of a fine layer – a skin – supported by an inner structure; he was interested in the contrast between the idea of fragility revealed by this skin and the monumentality of the statue itself. The fragments of the Statue of Liberty establish a close relationship – even a direct correspondence – with small *papier mâché* sculptures of fragments of the body of an adolescent (named in the exhibition's title) and with fragments of an 18th-century wooden crucifix. Another of the exhibition's central concepts is defined by one of Danh Võ's more emblematic works: the handwritten copy of a letter that a Jesuit missionary sent to his father, in the 19th century, before being beheaded – a letter that has been regularly copied (and recopied) by Phung Võ, the artist's father. By joining these works with other more recent ones, Danh Võ constructs a complex network of relations, sometimes invisible when first approached, in which the theme of the human condition, its fragility and mortality, emerges as a *leitmotiv*.

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Michel Auder

CULTURGEST PORTO

DE 4 DE MAIO

A 13 DE JULHO

Entrada gratuita

Curadoria Miguel Wandschneider

Num belíssimo texto de 1991 acerca de Michel Auder, Jonas Mekas escreveu: “Habitualmente, quando vemos vídeos ou filmes derivados de imagens televisivas, eles parecem televisão filmada. Mas não os vídeos de Auder. Para Auder, a televisão é como qualquer outra realidade – ele transforma-a por completo.” Como extensão da retrospectiva de Michel Auder na Culturgest em Lisboa, são exibidos de forma sequencial, ao longo de dois meses e meio, cinco vídeos (extraordinárias colagens visuais e sonoras) realizados com base em imagens televisivas.

In a very beautiful text that he wrote in 1991 about Michel Auder, Jonas Mekas said: “When one usually sees videos or films derived from TV, they look like filmed television. But not in Auder’s videos. TV to Auder is just like any other reality – he totally changes it.” As an extension to the retrospective exhibition of Michel Auder at Culturgest in Lisbon, five videos will be exhibited sequentially over a period of two and a half months. These consist of extraordinary visual and sound collages based on TV images.

De 4 a 18 de maio

Gorgeous Ladies of Wrestling (1984/1986)

De 20 de maio a 1 de junho

The Games: Olympic Variations (1984)

De 3 a 15 de junho

Regan (1981/2009)

De 17 a 29 de junho

The End of the World (1982)

De 1 a 13 de julho

TV America (1984)



Regan, 1981/2009

**Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)**

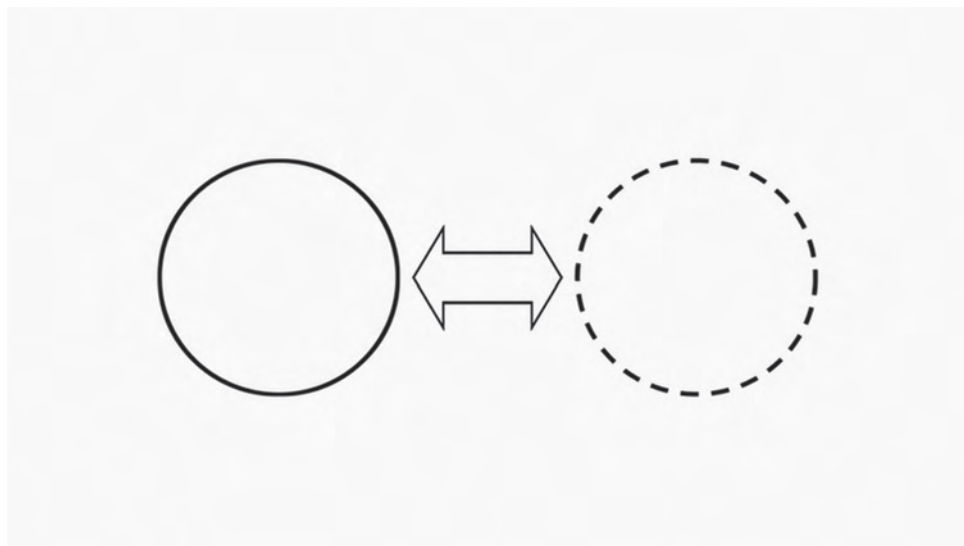
Inscrições e informações:

Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121

susana.sameiro@cgd.pt

Jos de Gruyter & Harald Thys

Sobre a relação entre o mundo real e o mundo paralelo
About the relationship between the real world
and the parallel world



About the relationship between the real world and the parallel world, 2010 · Video, preto e branco, som, 22 min.

CULTURGEST PORTO

DE 20 DE JULHO

A 21 DE SETEMBRO

Entrada gratuita

Curadoria Miguel Wandschneider

Jos de Gruyter (Geel, Bélgica, 1965) e Harald Thys (Wilrijk, Bélgica, 1966) trabalham em conjunto desde o final da década de 1980. Ao longo dos anos, produziram numerosas obras em vídeo, pelas quais são mais conhecidos, mas o seu trabalho engloba também, com frequência, fotografias, esculturas e desenhos. Inspirando-se na realidade quotidiana, e fazendo uso de um humor absurdo, Jos de Gruyter e Harald Thys retratam de forma caricatural e impiedosa a nossa condição humana. Depois das duas exposições que realizaram na Culturgest (a primeira em Lisboa, em 2009, a segunda no Porto, em 2012), e a pretexto da publicação do livro *Objects as Friends*, é agora apresentado o vídeo *About the relationship between the real world and the parallel world* (2010), divertida elucidação, em tom didático, dos mundos paralelos pelos quais esta dupla de artistas se tem aventurado.

Jos de Gruyter (Geel, Belgium, 1965) and Harald Thys (Wilrijk, Belgium, 1966) have been working together since the late 1980s. Over the years, they have produced countless video works, for which they are best known, but their work also frequently includes photographs, sculptures and drawings. Finding their inspiration in everyday reality, and making use of an absurd sense of humour, Jos de Gruyter and Harald Thys ruthlessly caricature our human condition. After the two exhibitions that they held at Culturgest (the first in Lisbon, in 2009, the second in Porto, in 2012), and coinciding with the publication of the book *Objects as Friends*, the video *About the relationship between the real world and the parallel world* (2010) is now presented, an entertaining and didactic elucidation of the parallel worlds into which this artistic duo have ventured.

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:

Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121

susana.sameiro@cgd.pt

Lourdes Castro

CHIADO 8
DE 27 DE MAIO
A 26 DE JULHO

Inauguração:
Sexta, 24 de maio, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

Da singular e multifacetada obra que Lourdes Castro tem vindo a construir desde meados da década de 1950 sobressai uma clara tendência para a economia de meios e de gestos. Longe de ser uma regra protocolar, esta tendência verifica-se, essencialmente, porque ela coincide com uma postura artística que privilegia a criação de situações ou objetos capazes de nos imporem uma atenção concentrada, uma experiência profunda e, também por isso, intensificada. Não será por acaso que alguns dos mais contundentes exemplos desta situação tenham surgido no âmbito do interesse que a artista desde cedo dedicou à sombra enquanto fenómeno e, sobretudo, enquanto território fértil para a produção de sentido. Seja no recurso a serigrafias, plexíglas ou panos, a concretização material deste envolvimento de Lourdes Castro com a poética da sombra passou sempre por uma parcimoniosa gestão das suas dimensões concreta e metafórica, num processo que teve uma das suas mais brilhantes concretizações no Teatro de Sombras que a artista criou e desenvolveu em parceria com Manuel Zimbardo a partir do final da década de 1960.

Para aquela que será a última exposição deste segundo ciclo curatorial no Chiado 8, Lourdes Castro revisita precisamente o Teatro de Sombras. Num momento de absoluta concentração e despojamento, será revelado neste espaço o eco de uma performance na forma de uma inscrição – um gesto que subsiste e se prolonga no tempo, reconduzindo e ampliando a sua intenção original.

Lourdes Castro has been constructing a singular and multifaceted body of work since the mid-1950s, displaying a remarkably clear economy of means and gestures. Far from being an established rule, this tendency of hers essentially derives from an artistic posture that gives greater emphasis to the creation of situations or objects calling for our concentrated attention and imposing on us a profound, and therefore intensified, experience. It is not by chance that some of the most striking examples of this situation have resulted from the artist's longstanding interest in shadows as a phenomenon, and above all as a fertile territory for the production of meaning. For this exhibition, Lourdes Castro will be revisiting Theatre of Shadows, a project she created and developed in partnership with Manuel Zimbardo from the late 1960s onwards. In a moment of absolute concentration and assertiveness, visitors to this exhibition will be shown the echoes of a performance in the form of an inscription – a gesture that endures and is prolonged over time, redirecting and amplifying its original intention.



Fotografia: Claire Turyn, Paris

A doce e ácida incisão

A Gravura em contexto (1956-2004)



Alice Jorge. *Vendedeiras de Lisboa*, 1956 · Fotografia: Bruno Cardoso

MUSEU DO
NEO-REALISMO
ATÉ 23 DE JUNHO

Museu do Neo-Realismo
Rua Alves Redol, nº 45
2600-099 Vila Franca de Xira

Horário

De 3ª a 6ª feira: 10h-19h
Sábados: 12h-19h
Domingos: 11h-18h
Encerra aos feriados
Entrada gratuita
Visitas guiadas e atividades:
www.museudoneorealismo.pt
www.culturgest.pt

Curadoria David Santos e Delfim Sardo

A exposição efetua um périplo pela atividade da Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, apresentando um conjunto de 128 obras das mais significativas editadas entre 1956 e a década de 1980. Será também ocasião para a apresentação de um núcleo documental sobre a história da Gravura.

Fundada em 1956, a Gravura correspondeu à ambição de democratização das práticas artísticas através da difusão de obras gravadas, simbolicamente a simbiose entre a artesanaria da prática artística e a produção de múltiplos que transportassem a arte para públicos mais amplos. Inicialmente muito ligada ao movimento neorrealista, a Gravura cruzou o seu caminho com a *Seara Nova*, mas também com os experimentalismos da década de 1970, mantendo uma intensa atividade de produção, formação e exposição.

O conjunto de peças selecionadas inclui obras de alguns dos mais relevantes artistas portugueses da segunda metade do século XX, fazendo um percurso pelas várias tipologias, estratégias e metamorfoses do uso da gravura.

A exposição é também ocasião para a publicação de um catálogo *raisonné* das edições da cooperativa, que inclui ensaios que fazem a história desta instituição, enquadrando-a na história portuguesa do século XX.

The exhibition shows us the activity of the Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses (SCGP), presenting 128 of the most significant works published between 1956 and the 1980s. It also provides an opportunity to present a series of documents about the history of Gravura.

Gravura was founded in 1956 as part of the wish to make art more democratic through the publication of engravings, symbolically representing the symbiosis between the craftsmanship of artistic practice and the production of multiple copies that could bring art to wider audiences. Initially linked to the Neo-Realist movement, Gravura crossed paths with *Seara Nova*, but also with the experimentalism of the 1970s, while continuing its busy activity of production, training and exhibition.

The pieces chosen for display include works by some of the most important Portuguese artists from the second half of the 20th century, showing us the various typologies, strategies and changes occurring in the use of engraving.

The exhibition also offers the opportunity to produce a catalogue *raisonné* of the publications of the SCGP, including essays on the history of this institution, setting it in the context of Portuguese history in the second half of the 20th century.



neorealismo
MUSEU DO NEO-REALISMO

Serviço Educativo

Crianças

Oficinas práticas durante o IndieJúnior'13 Pág. 82

Peixe Lua Pág. 83

Borda d'Água Pág. 84

Arte Procura-se Pág. 85

Férias de verão na Culturgest Pág. 87

Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 89

Adultos

(Per)Cursos com arte Pág. 76

Centro das Artes Pág. 77

Sem título mediação (técnica e dimensões variadas) Pág. 78

Walter Swennen – Exposição Pág. 88

Coleção Julie Ault – Exposição Pág. 79

Famílias

Oficinas práticas durante o IndieJúnior'13 Pág. 80

Peixe Lua Pág. 83

Borda d'Água Pág. 84

Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 90

Professores e educadores

Centro das Artes Pág. 77

Sem título mediação (técnica e dimensões variadas) Pág. 78

A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula Pág. 79

Em nome das artes ou em nome dos públicos? Pág. 81

Mediadores culturais e educadores em museus

A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula Pág. 79

Práticas de mediação e educação em centros culturais Pág. 80

Em nome das artes ou em nome dos públicos? Pág. 81

Grupos escolares

Oficinas práticas durante o IndieJúnior'13 Pág. 82

Peixe Lua Pág. 83

Borda d'Água Pág. 84

Arte Procura-se Pág. 85

Walter Swennen – Exposição Pág. 88

Coleção Julie Ault – Exposição Pág. 89

Grupos organizados de adultos

Walter Swennen – Exposição Pág. 88

Coleção Julie Ault – Exposição Pág. 89



A história que não queria ser livro, espetáculo apresentado em fevereiro de 2012 · Fotografia: Patricia Blázquez

(Per)Cursos com arte

ENCONTROS / CURSOS

Destinatários:
adultos e jovens

Das 12h30 às 14h
3€ por sessão
Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes

Aulas de arte contemporânea, à hora de almoço

Desenho no museu (parceria com Ar.Co)

Qua 3, 10, 17 e 24 de abril; 8 e 15 de maio

Professor João Catarino

Workshop prático que decorre no interior das exposições e visa abordar técnicas e metodologias do desenho. Tomando como referência os temas, os modelos e as obras presentes nas exposições, explorar-se-á o potencial expressivo dos participantes.

Escrita criativa: arte em direto (parceria com Nextart)

Qui 2 e 16 de maio

Professora Carlota Gonçalves

Uma visita ao mundo dos objetos de Rui Toscano desencadeia um contacto com esculturas sonoras que servem de matéria para uma digressão de escrita de arte-em-direto. O facto de estes objetos emitirem som e se exibirem como suporte exponencia o sentido da sua funcionalidade. Os ecos da cultura urbana presentes nas obras criam ressonâncias que vão conduzir o participante, estimulado por uma teia de palavras-chave, a produzir narrativas, com o foco apontado ao diálogo entre *ver e ouvir*.

**Da essência do riso:
o cómico e o lúdico nas artes plásticas (2.ª parte)**

Qui 11 de abril

Conceção e orientação Joana Batel

Partindo de vários exemplos das artes plásticas e da literatura, esta sessão continuará o questionamento em torno da essência do riso: da essência linguística à essência espiritual, passando pela produção do juízo de valor e pela comunicação verbal.

O belo e o grotesco (1.ª parte)

Qua 5 de junho

Conceção e orientação Bruno Marques

Da “emoção sensível” aos juízos de gosto, estas duas sessões pretendem fazer uma primeira aproximação a estes complexos conceitos e ao seu impacto na apreciação da obra de arte contemporânea.

Centro das Artes

OFICINAS / CURSOS

Destinatários:
artistas, professores,
adultos e jovens

Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes

Algumas datas poderão
estar sujeitas a alteração.

Esta é uma iniciativa que conjuga propostas de várias escolas e centros de arte de Lisboa com o objetivo de oferecer ao público uma cuidadosa seleção das melhores atividades teórico-práticas que se realizam no momento.

Desenho no museu (parceria com Ar.Co)

Qua 3, 10, 17 e 24 de abril; 8 e 15 de maio · 12h30-14h

Professor João Catarino

Consulte mais informações na página 76.

Workshop Som/Imagem-Imagem/Som (parceria com Ar.Co)

Qui 4 e 11 de abril; Qua 8, Qui 9, Qua 15 e Qui 16 de maio
18h30-20h30

Professores Marcelo Costa e Ricardo Guerreiro

Consulte mais informações na página 78.

Escrita criativa: arte em direto (parceria com Nextart)

Sáb 6 de abril · 15h30-18h · 35€

Professora Carlota Gonçalves

Uma visita ao mundo dos objetos de Rui Toscano desencadeia um contacto com esculturas sonoras que servem de matéria para uma digressão de escrita de arte-em-direto. O facto de estes objetos emitirem som e se exibirem como suporte exponencia o sentido da sua funcionalidade. Os ecos da cultura urbana presentes nas obras criam ressonâncias que vão conduzir o participante, estimulado por uma teia de palavras-chave, a produzir narrativas, com o foco apontado ao diálogo entre *ver e ouvir*.

O diário gráfico como suporte de registo e projeto

artístico pessoal (parceria com Nextart)

Qua 15 e 22 de maio · 18h30-21h · 22€

Professor Mário Linhares

Como se pode registar no diário gráfico as obras expostas nas galerias? Que técnicas serão as mais adequadas? O minimalismo depurado das páginas em branco, com a linha preta de uma caneta, são o mote para uma aventura conceptual que inicia com desenhos de observação e termina com o emaranhado de ideias tão típico do processo criativo.

Sem título mediação (técnica e dimensões variadas)

OFICINAS

Destinatários:
artistas, professores,
adultos e jovens

Das 18h30 às 20h30
Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes

Algumas datas poderão
estar sujeitas a alteração.

Oficinas práticas, de quatro sessões, orientadas pelos protagonistas da arte dos nossos tempos: sem rede e sem mediação.

Marcelo Costa e Ricardo Guerreiro
Workshop Som/Imagem-Imagem/Som (parceria com Ar.Co)
Qui 4 e 11 de abril, Qua 8, Qui 9, Qua 15 e Qui 16 de maio
18h30-20h30 · 95€

Ao longo da História a relação entre som e imagem tem vindo a sofrer alterações substanciais na sua formulação, acelerando-se este processo com as contribuições do cinema e das artes performativas. Mais recentemente, obras nascidas nos domínios das artes plásticas e da música levantam novas questões pertinentes para a compreensão desta relação “problemática”. Partindo do grupo de obras de Rui Toscano e Michel Auder, desenvolver-se-ão exercícios práticos e experimentais visando trabalhar uma sensibilidade que vive destas duas matérias: som e imagem.



Rui Toscano. *T*, 1998 (Coleção de Arte Contemporânea da Portugal Telecom); *Black Painting (Perfect Lovers)*, 1997 (Coleção Pedro Cabrita Reis, Lisboa) · Fotografia: DMF, Lisboa

A arte contemporânea como ferramenta para a sala de aula

CURSO

Destinatários:
professores, educadores,
educadores e mediadores
em museus, artistas

Sáb 6 de abril
Das 10h às 17h30 · 30€
Marcação prévia

Estão disponíveis duas
entradas gratuitas para as
melhores candidaturas a
estas oficinas. Caso queira
concorrer, envie uma carta de
motivação e currículo para
servicoeducativo@cgd.pt.

Orador Jorge Larrosa **Artista convidado** Yola Pinto

Pode a arte contemporânea ser um recurso para o trabalho em sala de aula? Como aproveitar uma visita a uma exposição, o trabalho expressivo dos alunos ou até imagens de obras de arte para potenciar o currículo escolar? Qual o potencial do recurso à arte contemporânea para trabalhar na escola? O que se está a perder? O que já se está a fazer bem? O que pode ser melhorado? Que exemplos podem ser recuperados? Do espírito crítico ao desenvolvimento da criatividade, este breve curso teórico-prático de três sessões, iniciado em 2012, pretende partilhar com professores e educadores algumas das mais valias de recorrer à arte contemporânea para estimular o gosto pela aprendizagem divergente e artística.

Um curso organizado por professores, orientado por professores, com exemplos práticos retirados da sala de aula mas com uma forte ligação aos nossos museus e centros de arte contemporânea.

Programa disponível em www.culturgest.pt/se



Programa de Educação
Estética e Artística
do Ministério da Educação



Práticas de mediação e educação em centros culturais

CURSO/ENCONTRO

Destinatários:
educadores e mediadores em museus e centros de arte, professores e artistas

Das 18h30 às 21h30
15€ · Desconto de 20% na inscrição para 3 sessões
Marcação prévia · Mínimo: 15 participantes

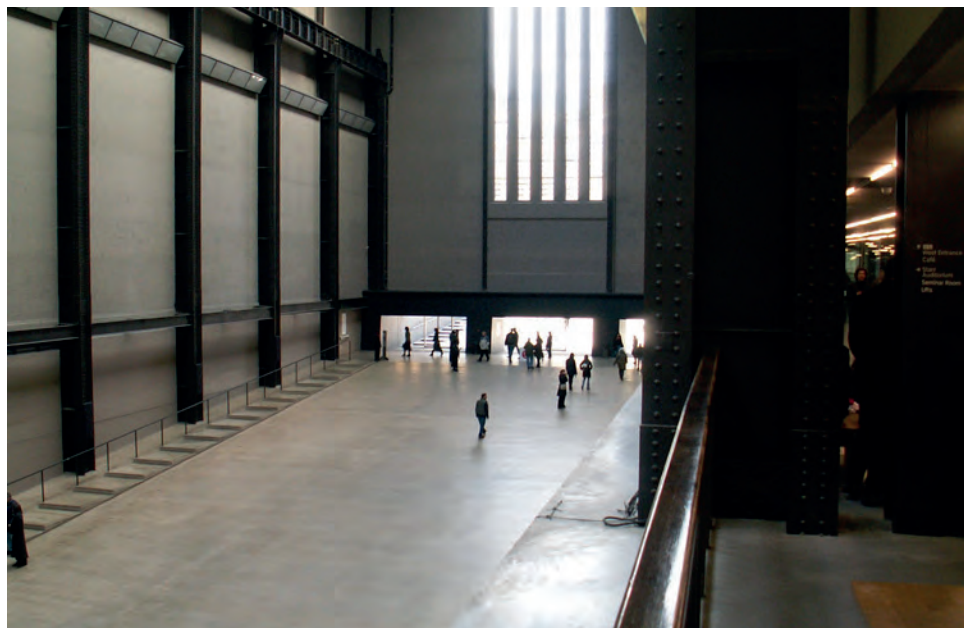
Estão disponíveis duas entradas gratuitas para as melhores candidaturas a estas oficinas. Caso queira concorrer, envie uma carta de motivação e currículo para servicoeducativo@cgd.pt.

O caso das instituições culturais britânicas

Que estratégias utilizam os mediadores, arte-educadores e coordenadores de serviços educativos nos museus e centros de arte na Europa? Podemos dizer que o trabalho com os públicos das artes, em instituições culturais, tem características específicas a cada país?

Com estas inquietações em mente, seleccionamos o caso britânico para dar início a um ciclo de 6 encontros e debates em torno de um só panorama nacional.

Programa disponível em www.culturgest.pt/se



Tate Modern

Em nome das artes ou em nome dos públicos?

ANTEVISÃO CHAMADA DE PROPOSTAS

Destinatários:
educadores e mediadores em museus e centros de arte, professores e artistas

8 de abril
Das 17h às 18h · Entrada livre
Marcação prévia · Mínimo: 10 participantes

A conferência realiza-se nos dias 8, 9 e 10 de novembro na Fundação de Serralves, no Porto.

Integrado na 4.ª edição da conferência internacional *Em nome das artes ou em nome dos públicos?*

Desde 2010, a conferência *Em nome das artes ou em nome dos públicos?* procurou divulgar e questionar os conceitos relacionados com a receção, a apresentação e a mediação das artes.

A quarta e última edição desta conferência – realizada no Porto, em parceria com a Fundação de Serralves – promove um encontro de preparação e antevisão de todos aqueles que queiram concorrer com propostas de mediação, de interação, de encontro e/ou promoção da participação dos públicos em momentos de encontro, observação, receção ou participação cultural e artística.

Consulte o regulamento do “Convite à participação” a partir de 4 de abril em www.culturgest.pt/se

SERRAVES



Oficinas práticas durante o IndieJúnior'13

OFICINAS / CINEMA

Destinatários:
grupos escolares
e famílias

**Bilhete para sessão de cinema
e oficina · Para famílias: 3,5€
Para grupos escolares: 2€
Marcação prévia obrigatória**

O festival decorre entre
18 e 28 de abril.

**Integrado no IndieLisboa – Festival Internacional
de Cinema Independente**

Conceção e orientação Ana Teresa Magalhães,
Nuno Bernardo e Susana Alves

Nestas oficinas propomos potenciar e alargar a experiência da ida ao cinema. Onde acaba a realidade e começa a ficção? Através do debate e da reflexão, mas também de propostas práticas, vamos descobrir a singularidade de cada filme e de cada autor. Despertar o olhar para o mundo que nos rodeia e contactar com as diferentes formas de expressão que habitam na escuridão e na luz.

Uma janela mágica Pré-escolar

Sex 19 de abril, ter 23 de abril · 9h45 e 11h30

Duração aproximada: 45 min.

De forma a perpetuar esta experiência – já de si muito rica – criámos uma oficina que nos vai ajudar a apurar os sentidos antes de entrar na sala e a explorar, à saída, tudo o que vimos.

Atrás das luzes 3.º ciclo e ensino secundário

Sex 19 de abril, qua 24 de abril · 10h, 11h30 e 15h15

Duração aproximada: 1h30

Como é realizado o filme? Como é escrito e editado, representado ou construído? Qual foi a pesquisa e quais os temas abordados? Reparaste em algum destes aspetos? Ou deixaste-te levar pela história do filme? Criámos uma oficina onde propomos desvendar juntos alguns destes mistérios...

Vamos ao cinema? Famílias

**Sáb 20 de abril, dom 21 de abril, qui 25 de abril, sáb 27 de abril
14h45 · Duração aproximada: 45 min.**

É com grande emoção que nos sentamos no escuro para conhecermos outros mundos, ainda mais quando o fazemos em família... As imagens passam à nossa frente e são elas que nos iluminam e comovem. O que nos transmitem essas imagens? O que gostaríamos de acrescentar ao filme? Entre histórias e personagens vamos encontrar novas aventuras e tornar realidade os nossos sonhos!

Peixe Lua

ESPETÁCULO

Estreia absoluta

Conceção e interpretação Carla Galvão e Fernando Mota
Realização plástica Marco Fonseca

Destinatários:
maiores de 6 anos

Para famílias:
Sáb 18, dom 19, sáb 25,
dom 26 de maio · 16h · 3,50€

Para grupos organizados:
De seg 20 a sex 24 de maio
10h e 11h · 2,50€

Duração: 30 minutos
Marcação prévia
Máximo: 50 participantes

Peixe Lua é uma *performance* plástico-sonora que aprofunda a pesquisa iniciada em *Nana Nana*, abordando, desta vez, música vocal de diversas épocas e geografias, bem como a utilização de elementos e materiais da natureza enquanto fontes sonoras e musicais. Ramos, troncos, pinhas, pedras e água serão chamados com as suas possibilidades sonoras para formar a paleta musical deste projeto.



© Fernando Mota

Borda d'Água

ESPETÁCULO

Criação e interpretação Cláudia Andrade
Conceção plástica Joana Patrício

Destinatários:
maiores de 4 anos

Para famílias:
Sáb 1, dom 2 de junho
16h · 3,50€

Para grupos organizados:
De seg 3 de junho a sex 31
de julho, das 10h às 16h · 2,50€

Duração: 35 minutos
Marcação prévia

Espectáculo ao ar livre
Ponto de encontro: bilheteira

Máximo: 40 participantes

*Se todos os rios são doces, de onde o mar tira o sal?
Como sabem as estações do ano que devem trocar de camisa?
Por que são tão lentas no inverno e tão agitadas depois?*
Pablo Neruda

Borda d'Água é um espetáculo sobre os ciclos da terra, sementes, luas e águas que correm, sobre os meses do ano e a dança das estações. Através de contos e mitos que explicam como surgiu a terra, o tempo, a água ou as estações, pretende-se estabelecer um diálogo entre o ancestral e o contemporâneo, entre o rural e urbano, cruzando as várias histórias que habitam um espaço. Inspirado num dos mais antigos almanaques portugueses – *O Borda d'Água* – o objetivo é proporcionar uma travessia poética e sensorial pelas nossas tradições populares. Com uma forte componente sonora e visual e recorrendo a provérbios populares, adágios, efemérides e canções tradicionais, o espetáculo propõe um olhar renovado sobre o que nos rodeia.



© Cláudia Andrade

Arte Procura-se

VISITAS JOGO

Destinatários:
grupos organizados

De 17 de junho
a 6 de setembro

Duração: 1h15
0,50€ · Marcação prévia
Lotação limitada

Programa de atividades sobre arte contemporânea, nas férias de verão, ideal para grupos em colónias de férias e atividades de tempos livres.

Obrad'artoteca – A casa com um museu dentro

Dos 5 aos 11 anos

Conceção Irina Raimundo, Joana Ratão, Nuno Bernardo e Tiago Ortis

Quantas obras de arte guarda uma casa?
Que histórias contam? Quem as fez? Como foram lá parar?
E numa casa museu, por onde se começa uma visita?
A casa das Obras de Arte agora fica na galeria da Culturgest.
Vamos entrar e descobrir a coleção de Julie Ault!

Tela com vida **Dos 5 aos 11 anos**

Conceção Ana Teresa Magalhães, Nuno Bernardo, Patrícia Freire e Susana Alves

Ao conheceres a obra de Walter Swennen vais descobrir que a arte também nasce e cresce como o nosso corpo. Quando olhamos para as suas pinturas, tão simples num primeiro olhar, somos surpreendidos pelos vários elementos que as habitam e que cada um de nós reconhece à sua maneira! Será que a pintura esconde um gesto? E a cor também cresce?

AmplificARTE **Dos 12 aos 18 anos**

Conceção Irina Raimundo, Joana Ratão, Nuno Bernardo e Tiago Ortis

Passamos a porta e estamos lá... no sítio onde a arte é feita... e depois? Na visita à coleção de Julie Ault vamos entender se a arte pode amplificar. Mas como? Desta vez vamos ser todos artistas... um grupo de artistas!

Camada por camada **Dos 12 aos 18 anos**

Conceção Ana Teresa Magalhães, Nuno Bernardo, Patrícia Freire e Susana Alves

A obra de Walter Swennen é composta por camadas de imagens, de ideias e de histórias. Que truques e combinações o artista utiliza para que as suas pinturas sejam tão misteriosas? Vem ler por entre as imagens e desvendar o enredo. Descobrir a importância do pormenor e partilhar a imaginação!

Arte Procura-se

OFICINAS

Destinatários:
grupos organizados

De 17 de junho
a 6 de setembro

Duração: 2h
1,50€ · Marcação prévia
Lotação limitada

A Amplificadora Dos 5 aos 11 anos

Conceção Irina Raimundo, Joana Ratão, Nuno Bernardo e Tiago Ortis
Vamos criar textos e imagens em grande escala. Vamos criar sobre os nossos dias. Vamos trabalhar materiais vários e dizer a toda a gente. Queres vir?

Letras desenhadas e imagens escritas Dos 5 aos 18 anos

Conceção Ana Teresa Magalhães, Nuno Bernardo, Patrícia Freire e Susana Alves
Há vida nas pinturas. As pinceladas transformam-se em palavras e a tinta surge de lugares imprevisíveis! Acreditas? Cada uma guarda muitas ideias, infinitas histórias, vários objetos, sentimentos e movimentos. Os elementos de inspiração para criarmos uma composição nossa! Encontrar objetos espalhados, construir-lhes a história e contá-la através do cinema de animação e/ou da *performance*.

A Amplificadora Dos 12 aos 18 anos

Conceção Irina Raimundo, Joana Ratão, Nuno Bernardo e Tiago Ortis
Julie Amplificadora coleciona pedaços do mundo. Obras de arte, papéis, bonecos, textos, panfletos e mais papéis... De quantas formas poderás ver e organizar a sua coleção? E se olhares de pernas para o ar? Uma visita poética à coleção de Julie Ault.



Férias de verão na Culturgest

OFICINAS

Destinatários:
dos 5 aos 7 anos
e dos 8 aos 12 anos

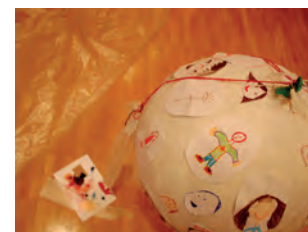
Manhãs: das 10h às 13h
Tardes: das 14h30 às 17h30
Marcação prévia · Lotação limitada

Almoço disponível para inscrições de dia inteiro
6,85€ (valor unitário)

Prolongamento de horário:
Manhãs: das 9h às 10h
Tardes: das 17h30 às 18h30
2€ (valor unitário)

Desconto de 30% na inscrição do segundo filho ou para filhos de colaboradores da CGD (desconto incide sobre o menor valor e não é acumulável ou aplicável ao almoço e/ou prolongamento de horário).

Nas inscrições de crianças com 5 anos será solicitado um comprovativo de idade.



Conceção e orientação Ana Teresa Magalhães, Caroline Bergeron, Irina Raimundo, Joana Barros, Joana Furtado, Joana Ratão, Maria Almeida, Patrícia Freire, Susana Alves, Tiago Ortis e outros convidados

Tal como na arte, também os sentimentos são uma construção cerebral que propõem uma visão do mundo. Tal como na criatividade, também os sentimentos são uma resposta do nosso cérebro aos acontecimentos e experiências da vida. Tal como em tudo, o caminho passa por (re)aprender a olhar.

Continuando a nossa proposta de atribuir conceitos únicos a cada semana de oficinas, aproveitamos a longa temporada de verão para propor “os sentimentos” como base do trabalho nas nossas oficinas de expressões artísticas contemporâneas durante as férias. Vários artistas darão voz, corpo, interpretação e expressão às inúmeras possibilidades que este tema levanta.

O Amor De seg 17 a sex 21 de junho
A Beleza De seg 24 a sex 28 de junho
A Perfeição De seg 1 a sex 5 de julho
A Preguiça De seg 8 a sex 12 de julho
A Vaidade De seg 15 a sex 19 de julho
A Curiosidade De seg 22 a sex 26 de julho
A Felicidade De seg 2 a sex 6 de setembro

Inscrições abertas e programa completo a partir do dia 8 de maio, no nosso site www.culturgest.pt/se



Walter Swennen – Exposição

VISITAS

Destinatários:
adultos

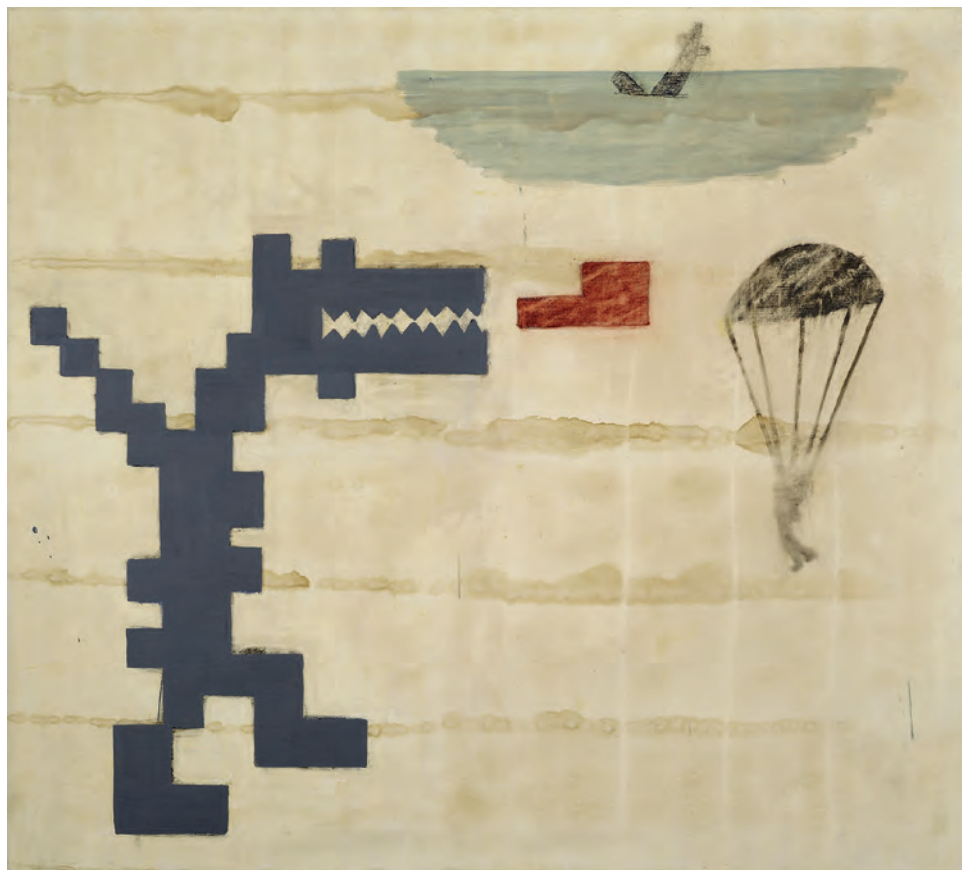
Marcação prévia
Ponto de encontro: bilheteira

A exposição decorre na
Galeria 1, de 22 de junho
a 8 de setembro.

Visitas gratuitas à hora de almoço
Qui 4 de julho, 13h10 · Qua 10 de julho, 12h10
Qui 5 de setembro, 13h10

Visita guiada por João Queiroz
Sábado, 6 de julho, 17h

Visita guiada por Bruno Pacheco
Sábado, 7 de setembro, 17h



Walter Swennen, Sem título, 2009 · Coleção particular, Londres · Fotografia: Andy Keate

Coleção Julie Ault – Exposição

VISITAS

Destinatários:
adultos

Marcação prévia
Ponto de encontro: bilheteira

A exposição decorre na
Galeria 2, de 22 de junho
a 8 de setembro.

Visitas gratuitas à hora de almoço
Qua 3 de julho, 12h10 · Qui 11 de julho, 13h10
Qua 4 de setembro, 12h10



Em cima:
Corita Kent
come alive, 1967
Coleção de Martin Beck

Em baixo:
Tim Rollins & K.O.S.
Malcolm X, By Any Means Necessary - Satan, 1986
Oferta de Tim Rollins a Julie Ault, 1987
Fotografia: Heinz Peter Knes

Celebra o teu dia de anos com arte

OFICINAS

Destinatários:
dos 6 aos 12 anos

Duração: 2h30 · 170€
Lotação: 20 participantes

Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Conceção e orientação Ana Nunes, Joana Barros, João de Brito, Leonor Cabral e Tiago Pereira
Num espírito lúdico e suavemente educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

ESPETÁCULOS

Destinatários:
dos 5 aos 12 anos

Duração: 1h10 · 310€
Lotação: 30 participantes

Uma bailarina...

Conceção Aldara Bizarro
Interpretação Yola Pinto ou Isabel Costa
Espetáculo de dança concebido para ser apresentado em espaços não convencionais. Procura proporcionar novas leituras do corpo, suscitando a reflexão sobre matérias relacionadas com o mesmo, enquanto objeto de saber e de sentir.

A nova bailarina...

Conceção Aldara Bizarro
Interpretação Costanza Givone ou Yola Pinto
Espetáculo sobre a democracia que nos remete para o papel de cada um na sociedade e para a consciência cívica, abordando, através da dança, de uma forma não convencional, e com muito humor, questões éticas e de valores base de construção pessoal e social.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Qualquer atividade de festa de anos inclui:
— Oficina ou espetáculo
— Espaço livre e mesa para o lanche que os pais queiram trazer (até perfazer 3h)
— 2 artistas orientadores
— 1 assistente acompanhante
— Uma atividade, na galeria, para adultos (1h30)

Enquanto os mais novos se divertem...

Convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.



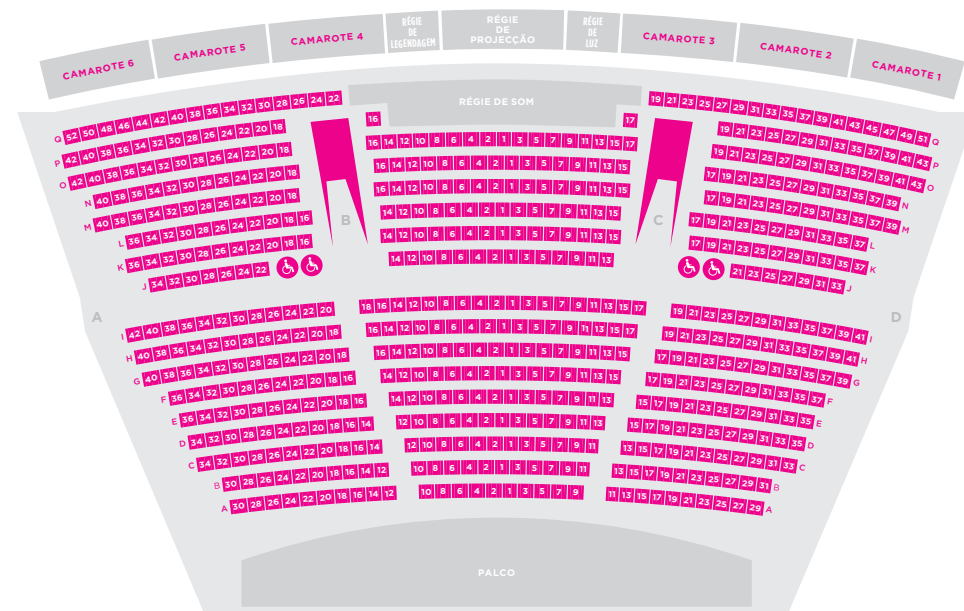
© Duccio

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Ana Isabel Gonçalves (teoria da arte)
Ana Nunes (teoria e filosofia da arte)
Ana Teresa Magalhães (artista plástica)
Carla Galvão (atriz)
Carlota Gonçalves (escrita criativa)
Carolina Rito (teoria da arte)
Caroline Bergeron (fabricante de espetáculos e encenadora)
Cláudia Andrade (atriz)
Daniela Leal (expressões artísticas variadas)
Fernando Mota (músico)
Irina Raimundo (artista plástica)
Joana Barros (atriz)
Joana Batel (teoria da arte)
Joana Furtado (expressão corporal e movimento)
Joana Graça (expressão plástica)
Joana Ratão (artista plástica)
João Catarino (desenho)
João de Brito (ator)
Jorge Larrosa (orador)
Leonor Cabral (atriz)
Luísa Fonseca (apoio à produção)
Maria Almeida (expressões artísticas variadas/escrita criativa)
Maria Rita Martins (apoio à produção)
Mariana Lemos (expressão corporal e movimento)
Mário Linhares (desenho)
Marta Ochôa (apoio à produção)
Nuno Bernardo (realizador)
Patrícia Carvalho (estágio)
Pietra Fraga (produção)
Raquel Oliveira (estágio)
Raquel Ribeiro dos Santos (coordenação)
Rita Abreu (expressões artísticas variadas)
Rui M. Silva (ator)
Rui Toscano (artista plástico)
Sílvia Moreira (artista plástica)
Susana Alves (psicologia educacional e mediadora)
Susana Madeira (atriz)
Teresa Faria e Silva (atriz)
Tiago Ortis (movimento e expressão dramática)
Yola Pinto (expressão corporal e movimento)

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
Horário de atendimento telefónico: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões Caixa IU, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).

Entrada gratuita a titulares do cartão ICOM e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões Caixagold, Visabeira Exclusive, Caixa Woman, Caixa Drive e Caixa Leisure, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões Caixa IU, ISIC (International Student Identity Card) e ITIC (International Teacher Identity Card); titulares do cartão Caixa Fã e Caixa Activa que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes)

**Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€
Preço único sem descontos.**

Os descontos não são acumuláveis.

LIVRARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego nº 50, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno/ Av. Berna 756*
Campo Pequeno/ Av. República 727,* 736,
738, 744, 749,* 754,* 783; Pç. Londres 722, 767
Av. Roma: 735, 767
*A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)
Encerra aos domingos, feriados e nos períodos em que não há exposições.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h
Encerra aos fins de semana e feriados
Largo do Chiado nº 8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

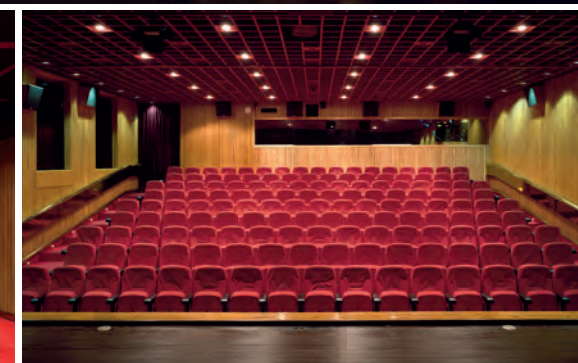
Acesso a deficientes

Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

[As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram no dia 1 de maio.](#)

Não faça do seu evento
um acontecimento periférico.
**Temos o espaço para si
no centro de Lisboa.**
Venha conhecer-nos.



Informações 21 790 54 54
culturgest.ac@cgd.pt
www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Apoios:



Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest
Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest
telefone-nos, escreva-nos ou envie um e-mail para
culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).

ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.

Sábados, domingos e feriados, das 14h
às 20h (última admissão às 19h30).

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

**Aos domingos, a entrada nas galerias
é gratuita.**

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.

Em dias de espetáculo das 14h até à hora

de início do mesmo. Nos períodos em que não

há exposições: de segunda a sexta-feira

das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados

das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.

Encerra à terça-feira e nos períodos em

que não há exposições patentes. Sábados,

domingos e feriados das 14h às 20h.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h
às 18h (última admissão às 17h45)

ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto

Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h

Encerra aos fins de semana e feriados.

Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa

Telefone: 21 323 73 35

www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria

Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,

C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,

Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

ABRIL AGOSTO 2013

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo